

O Planeta Diário

rodas de conversa sobre quadrinhos,
super-heróis e teologia



Iuri Andréas Reblin
com ilustrações de Sávio Roz

Turi Andréas Reblin

O Planeta Diário:

Rodas de conversa sobre quadrinhos,
super-heróis e teologia



com ilustrações de Sávio Roz

São Leopoldo
EST
2013

© 2013 Iuri Andréas Reblin. Todos os Direitos Reservados
© 2013 Sávio Queiroz Lima (ilustrações). Todos os Direitos Reservados

Faculdades EST – Escola Superior de Teologia
Rua Amadeo Rossi, 467, Morro do Espelho
93.010-050 – São Leopoldo – RS – Brasil
Tel.: +55 51 2111 1400
Fax: +55 51 2111 1411
www.est.edu.br | est@est.edu.br



Esta obra foi licenciada sob uma
Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial- Sem Derivados 3.0 Não Adaptada.

Capa: Sávio Roz
Revisão: Ezequiel de Souza

Apoio: Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial

Esta é uma publicação autoral, acadêmica, sem fins lucrativos, produzida e disponibilizada gratuitamente, com a proposta única de divulgar o conhecimento científico.
Qualquer parte pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Os personagens ilustrados são propriedade da DC Comics, Inc. Todos os Direitos Reservados.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R291p Reblin, Iuri Andréas

O Planeta Diário : rodas de conversa sobre quadrinhos,
super-heróis e teologia / Iuri Andréas Reblin ; com
ilustrações de Sávio Roz. – São Leopoldo : EST, 2013.

107 p. : il.

E-book, PDF.

ISBN 978-85-89754-29-3.

1. Histórias em quadrinhos – Aspectos morais e éticos. 2. Heróis – Aspectos morais e éticos. 3. Heróis – Aspectos religiosos – Cristianismo. 4. Heróis na comunicação de massa. 5. Religião e cultura. 6. Teologia na literatura. Roz, Sávio. II. Título.

CDD 261.59
741.5

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

A todos os intelectuais *nerds*

Sumário

APRESENTAÇÃO	7
PLANEJANDO O DIÁLOGO	9
!! PRIMEIRA CONVERSA	15
!□ SEGUNDA CONVERSA	27
∞ TERCEIRA CONVERSA	45
□! QUARTA CONVERSA	53
⊖ QUINTA CONVERSA	65
⇐ SEXTA CONVERSA	77
8 SÉTIMA CONVERSA	85
⊖◇ OITAVA CONVERSA	97
LEGENDA DO KRYPTONÊS	107

Apresentação

A proposta deste livro é compilar as entrevistas concedidas por mim sobre histórias em quadrinhos realizadas no decorrer dos últimos cinco anos em um único volume, a fim de tornar esse material uma fonte de consulta e pesquisa mais acessível para acadêmicos e amantes da nona arte. Nessa direção, trata-se de um projeto gratuito, permitido a livre distribuição deste livro, neste formato, pela Internet, de acordo com as disposições assinaladas pelo selo da *Creative Commons* no expediente desta publicação.

As entrevistas foram reunidas em ordem cronológica e, de acordo com o contexto original em que foram concebidas, receberam comentários adicionais atualizados, como um processo de revisitar o texto original. A última entrevista é inédita, realizada por Kathlen Luana de Oliveira, com o objetivo exclusivo de complementar o conjunto de assuntos das demais entrevistas, dar uma unidade e indicar uma perspectiva de futuro da pesquisa sobre quadrinhos.

Quero agradecer especialmente a Fernando Passarelli, do *Site Deus no Gibi*, Micael Vier Behs, assessor de imprensa da *Faculdades EST*, Deniele Simões, da *Editora Santuário*, Ronaldo Barreto, do *Blog Quadrinhos em Questão*, Carlos André Moreira, do *Jornal Zero Hora*, Marcelo Rafael, do Portal *SaraivaConteúdo* e, não por último, a minha companheira Kathlen Luana de Oliveira, que identificaram a relevância da pesquisa que venho realizando e o seu lugar dentro do campo epistemológico e *nerd* das histórias em quadrinhos e que são os autores das perguntas instigantes que perpassam este livro.

Um agradecimento especial também a Sávio Queiroz Lima, a.k.a. Sávio Roz, que gentilmente ilustrou este livro com seu traço baiano generoso, e a Ezequiel de Souza, pela leitura e pela revisão atenta.

Iuri Andréas Reblin

Planejando o Diálogo

Talvez seja convicção inquestionável que todo artista trabalha muito melhor quando não tem amarras. A confiança depositada deixa margem à superação pessoal, buscando não atender às exigências daquele que o convoca, mas de atingir a maturação total que a liberdade lhe atribuiu. Foi assim o diálogo com Iuri Andréas Reblin. Desde o início, houve uma respeitosa amizade que frutificou o máximo de esforço possível. Se há um êxito no trabalho, ele nasceu justamente na liberdade.

Não há como não se envolver com um projeto que nasce honesto, da pura vontade de fazê-lo, muito mais do que das expectativas de seus frutos. Um projeto claro, que oferta despreziosas reflexões, em entrevistas, sobre o que existe muito além de superpoderes, cores e entretenimento no universo ficcional dos super-heróis. É, antes de tudo, um projeto que fala de moral e ética, de nossa moral e ética, de nossa realidade discursiva. Por isso mesmo é um projeto honesto, falando de nós. Eu gosto de desenhar a figura humana, solto no traço: então é fácil entender o agrado que esse projeto me causa.

Iuri me falou da proposta, entre mensagens digitadas e telefonemas, fundamentando todo o plano nas entrevistas que me passou, passo a passo. A conversa é quase vívida, nos textos, podendo até se imaginar estar ali, sentado, ao lado da mesa em que ela aconteceu. Vê-se, claramente, os trabalhos de Iuri Reblin, seus textos profundos, ganhando vida “do lado de fora”. Encontrar com Iuri, numa conversa, é trocar figurinhas com outro viajante que visitou as terras que se conhece. Os desenhos nasceram justamente nessa troca de compreensões e não numa simples aceitação de vontades unilaterais.

A primeira imagem, na qual grandes senhores ultrapoderosos do universo de super-heróis da *DC Comics* curvam-se interessados diante de um livro (este livro), é fruto dessa intimidade. Somos tão íntimos desses seres poderosos e de suas metáforas, seus sonhos e seus devaneios, que facilmente brincamos com eles. Bem, Darkseid não deve ter gostado muito de nossa ousadia. Porém, mantivemos, nas ideias, o cerimonial e o respeito na produção da imagem que retrata o Super-Homem morto nos braços da Lois Lane. Eu tinha feito essa ideia em 2005, postada num *blog* e esquecido. Renovando a arte e buscando fazer uma melhor referência ao trabalho do renascentista Michelangelo, *Pietà*, refiz, inúmeras vezes, a imagem.

O lazer e a liberdade foram ainda maiores quando pude fazer as superlindonas voando, pois eu pude curtir as curvas mais generosas, tão características de meus trabalhos, parte inquestionável do meu traço. Abusei das cores vivas. E o escorço ajudou aos volumes ficarem ainda mais... generosos. Mesmo com vivas cores, pude manter a seriedade numa imagem que praticamente não foi tocada, quando idealizei e produzi em 2006, anos antes mesmo de conhecer luri pelos textos e pessoalmente. Foi lendo as entrevistas e pensando a relação do Super-Homem e sua conduta com nossa realidade que ofertei (e ele se agradeu) a imagem do Kal-El e a vítima da fome.

Como num painel religioso, imageticamente canônico, atendi aos interesses do autor nas imagens em que o cinema, e sua magia, nos fazem acreditar em homens voando, permitindo-nos voar juntos. Como não havia a certeza entre George Reeves ou Christopher Reeve, eu resolvi produzir ambos para o entusiasmo do luri. Outra questão que nos bateu na construção das imagens foi o uso de personagens da *Marvel Comics*, já que não estavam ausentes nos discursos das entrevistas, mas, também, eles não eram o centro. Então eu os descortinei sobre uma foto que nós tiramos, amigos pesquisadores, no primeiro encontro que tivemos em Leopoldina, Minas Gerais (I Fórum Nacional de Pesquisadores em Arte Sequencial, ocorrido no dia 31 de março de 2012). Essa imagem é



ainda mais intimista, pois podemos desafiar os amigos presentes na imagem a se reconhecerem nas cores super-heroicas.

Brincamos com nós mesmos na imagem na Bat-caverna, pois foi exatamente assim que ficamos, frente a telas digitais elaborando as imagens e nos divertindo com esses universos míticos e seus sobreviventes. E por que não ter essa imagem como fundo para as legendas do Kryptonês presentes na obra? Mais que apropriado. Apropriado, também, citar nossos super-heróis brasileiros. Ou seriam abrasileirados? De qualquer forma a reflexão está aberta com uma imagem apresentando alguns deles. Em cores, claro. Fechamos, assim, uma contracapa relacionando super-heróis e religiosidade, revivendo o afresco de Michelangelo... com dois personagens da mitologia do Super-Homem: Superciborgue e Erradicador. O que será que essa imagem diz ao sagaz observador?

A capa foi feita para dizer algo também, pois o Super-Homem tomando seu café da manhã é um momento de relaxamento antes de adentrar na aventura. Aventura com suspense, emoção, drama, horror... Assim como é a vida, toda manhã, de todo homem (demasiado homem) ou mulher, ou menino e menina, porque o que exatamente esses personagens nos dizem é que os seres humanos são, por um destino inerente à racionalidade, nascidos para a superação. E superação é uma palavra sem cor, sem cheiro, sem maldade, assim como todas as palavras, mas ela nos habilita a construir o nosso caminho, tomando as decisões que forem, muitos decaindo à corrupção e tornando-se vilões de suas realidades... Mas muitos outros se esforçando para serem super-heróis de si próprios. E nisso é sempre bom fazer amigos... ou SUPERAMIGOS.

Savio Roz, 2013.



!! Primeira Conversa

Entrevista concedida
ao site *Deus no Gibi*,
realizada por Fernando
Passarelli*.



Luri Andréas Reblin é mestre em Teologia pela EST - Escola Superior de Teologia, do Rio Grande do Sul. Lá mesmo, ele iniciou um doutorado no ano passado. Só por essa formação acadêmica, já mereceria destaque num ramo de conhecimento desprezado em terras tupiniquins. É fácil de entender. Quem quer usar o nome de Deus para ganhar dinheiro não perde tempo estudando, tem urgência. Mas tem gente, como Luri, disposta a se debruçar sobre as letras e usar a inteligência – presente divino – para compreender o mundo e a nossa relação com o Criador. Outro mérito desse jovem teólogo é a autoria do livro *“Para o alto e avante: Uma análise do universo criativo dos super-heróis”*.¹ A obra reúne cinco textos de Luri, todos eles publicados nas revistas “Espaço Acadêmico” e “Protestantismo em Revista”. Luterano, ele conta que os artigos foram bem recebidos no meio acadêmico. *“Os textos foram muito aceitos e a repercussão foi muito positiva, também no âmbito teológico”*. Aproveite bem o doutorado, Luri. E que dele venha um novo livro, em breve. Confira a seguir a entrevista.

* A entrevista foi publicada na Internet em 2008. REBLIN, Luri Andréas. Entrevista realizada por Fernando Passarelli. *Deus no Gibi*. [2008]. Disponível em: <<http://deusnogibi.dominiotemporario.com/doc/ENTR-IURI.PDF>>. Acesso em: 30 jan. 2012.

¹ REBLIN, Luri Andréas. *Para o alto e avante: uma análise do universo criativo dos super-heróis*. Porto Alegre: Asterisco, 2008. 128p.



DEUS NO GIBI – Como se deu a publicação do livro? Houve um convite ou você sugeriu o projeto à editora?

Iuri Andréas Reblin – O processo de publicação do livro foi bastante singular. Quando a ideia surgiu, eu já havia escrito a primeira versão dos cinco artigos que compõem a obra. A ideia de compilar um livro sobre o universo dos super-heróis emergiu de duas direções: Por um lado, como leitor antigo de quadrinhos e intelectual, sentia falta no mercado de um material que abordasse o universo dos super-heróis numa perspectiva mais interdisciplinar e que englobasse também o pensamento teológico. Como “janela da realidade”, o mundo que representamos no cinema ou nos quadrinhos é sempre, de uma forma mais nítida ou confusa, um reflexo do mundo em que vivemos. Sociedade, economia, religião, cultura, tudo pode ser encontrado nas histórias em quadrinhos, claro, em proporções desiguais, sujeitas à história que se quer contar. E, por mais que algumas correntes religiosas possam insistir, não é possível separar “as coisas do mundo” e “as coisas de Deus”, porque Deus se revela no mundo – se não o fizesse, não poderíamos ter experiência com Ele e não poderíamos identificar suas ações – e a nós, e somos nós que, por meio da linguagem, traduzimos nossas experiências religiosas. Nesse sentido, acho que o protestantismo, a partir do pensamento de Martinho Lutero, procura justamente evidenciar essa ambiguidade que permeia a vida. Como o material que eu havia escrito já estava disponível há algum tempo na internet, achei que seria necessário acelerar o processo de publicação, ao invés do texto ficar tramitando por meses pelas editoras e se sujeitar ao cronograma de publicações. Então, com o texto pronto e um projeto, encaminhei a uma empresa, que patrocinou a publicação.

[Atualização] Naturalmente, o livro passou pela avaliação do conselho editorial da Editora Zouk, de Porto Alegre e, após isso, foi publicado pelo selo Asterisco quatro meses mais tarde, graças ao financiamento próprio. A obra teve uma tiragem de 1000



exemplares e se tornou uma das referências nacionais para os estudiosos e amantes da nona arte.

DEUS NO GIBI – Qual é a sua formação eclesial e que tipo de curso você fazia na época em que escreveu os textos do livro?

Reblin – Sou luterano de berço. Meu pai atuou durante algum tempo em comunidades eclesiais no Estado do Espírito Santo até que veio a falecer em decorrência de um tumor maligno no cérebro quando eu tinha dezesseis, dezessete anos. O reflexo de seu bom trabalho na comunidade, bem como o da minha mãe, e o vazio de sua ausência e, na época, o medo de sua morte, conduziram-me a fazer o curso de teologia. Não buscava nenhum milagre, mas ficar mais próximo dele. Depois do curso, atuei durante um ano numa comunidade luterana no interior do Rio Grande do Sul, no programa chamado “Período Prático de Habilitação ao Ministério Pastoral”, que era o que a Igreja a qual pertença exige para o ingresso no quadro de obreiros. Na época, a Igreja estava passando por algumas reestruturações na Secretaria de Pessoal e por excesso de contingente, se assim se pode chamar. Havia mais candidatos que vagas nas comunidades. Então, para não entrar na fila de espera, decidi verter para a caminhada acadêmica. Ingressei no mestrado em teologia, tornei-me mestre, dei algumas aulas e acabei me interessando em lecionar.

[Atualização] Os textos que compõe Para o alto e avante foram redigidos, em sua maioria, durante o mestrado em teologia, à exceção da primeira e da última parte, que contêm trechos do trabalho de conclusão de curso.

DEUS NO GIBI – Qual foi a reação dos responsáveis pela “Protestantismo em Revista” e pela “Espaço Acadêmico” quando eles souberam que o objeto de seus artigos seriam as histórias em quadrinhos e os super-heróis?

Reblin – Ambos receberam os textos de forma muito positiva e acolhedora. O professor Oneide Bobsin, coordenador geral da “Protestantismo em Revista”, foi meu orientador no Trabalho de Conclusão de Curso no Bacharelado em Teologia, o qual abordou a religiosidade e a axiologia no universo dos super-heróis. Então, a primeira ideia foi condensar o texto na forma de um artigo e publicá-lo. Na “Espaço Acadêmico”, também foi bem interessante. Eu descobri a revista quando fazia a pesquisa para o TCC. Lá encontrei artigos do sociólogo Nildo Viana, o qual assina o prefácio do livro [Para o Alto e Avante]. E esses textos serviram de inspiração e fonte de pesquisa para o TCC. O tema dos quadrinhos, em geral, é aceito pelas ciências humanas - sociologia, antropologia, psicologia, educação - e pelas ciências sociais aplicadas - comunicação, arte.

[Atualização] Portanto, ao passo que foi uma abordagem inédita para a Protestantismo em Revista, a Espaço Acadêmico já havia publicado textos sobre o assunto anteriormente. É importante destacar que ambas as revistas possuem um enfoque dialogal e interdisciplinar, contemplando um espectro amplo das áreas científicas, e tal missão e enfoque de política editorial realmente abre espaço para novas abordagens.

DEUS NO GIBI – No seu livro, você fala da repercussão que esses textos tiveram. Você sofreu algum tipo de preconceito por esses textos ou após a publicação do livro?

Reblin – Não senti nenhum preconceito contundente. Percebi um certo espanto quanto tentei abordar o tema dentro de uma academia de teologia. Mas, de modo em geral, os textos foram muito aceitos e a repercussão foi muito positiva, também no âmbito teológico.

[Atualização] Na verdade, os textos foram recebidos com curiosidade, porque aparentemente ninguém – ao menos, não nos círculos onde os textos foram difundidos, sobretudo, no campo



teológico protestante brasileiro – havia pensado que histórias tão “ordinárias” pudessem ter alguma relação com a teologia. A teologia sempre foi vista, principalmente neste contexto, com um tipo de conhecimento que sempre visa dar respostas prontas e que pouco interferia diretamente na sociedade. Claro que, a teologia da libertação e a ascensão de teologias contextuais buscaram sempre ler o contexto e ensejar uma transformação social, política, isto é, comprometer-se criticamente com a realidade da qual emergem. Isto é, em certas vertentes do protestantismo brasileiro havia e há linhas teológicas que se preocupam com a política e a luta por uma vida justa. Mas ler a realidade a partir de produções culturais “de massa” e das narrativas fantásticas e envolvidas profundamente nas dinâmicas comerciais, tal como são as histórias dos super-heróis, foi algo realmente inusitado. Embora já houvesse nos Estados Unidos alguns ensaios que buscavam algum tipo de relação da religião, da mitologia com as histórias dos super-heróis, a abordagem e, conseqüentemente, a recepção foram movidas pela curiosidade e pela busca de compreensão, ao menos, como eu percebi. Assim, antes de qualquer preconceito, pairou um ponto de interrogação na cabeça dos teólogos e curiosos, do tipo: “o que isso tem a ver com teologia?”; “o que é isso?”; “quem é esse cara?”, “ele não está louco?”. Em outras palavras, não houve preconceito porque não havia um conceito sobre o assunto.

DEUS NO GIBI – Você fala que é um grande equívoco tratar o mito apenas como uma ilusão ou uma mentira, porque ele acontece no âmbito da realidade humana, da experiência que o indivíduo cria com seu meio. Diz que o mito “*é real por tratar da origem das coisas, dos universos de sentido e das instituições*”. Até onde tratamos os personagens da Bíblia, os heróis da fé, como mitos? E como essa “mitologia bíblica” que criamos pode nos afastar do Deus verdadeiro?



Reblin – O problema de lidar com as histórias dos personagens da Bíblia como histórias originárias, que lidam com os valores e sentidos humanos é pertinente. Os personagens bíblicos não são mais tratados como mitos no sentido do mito, mas no sentido de ilusão e mentira e isso é um problema, porque se extrai desses personagens um significado existencial. Nesse caso, as histórias bíblicas acabam se tornando histórias como outras quaisquer. As histórias bíblicas são histórias míticas que querem responder a nossa ânsia por sentido, transmitir os valores de um grupo, e valores que possam ter um propósito mais profundo em nossas vidas. Não se pode contrapor mito e verdade, pois eles não estão em contraposição. O problema é nosso vício contemporâneo de duas vias. De, por um lado, ficar insistindo de que o que aconteceu nos tempos bíblicos, aconteceu do jeito que aconteceu e foi fielmente transcrito, e de, por outro lado, procurar evidências de que aquilo que está escrito, realmente possa ter acontecido, se não igual tal como está escrito, mas pelo menos de forma semelhante ao relatado. E, no fundo, não é nada disso, e não é esse o objetivo dessas histórias. Elas não existem por serem verdade ou mentira. Elas existem para nos darem uma direção, um horizonte para o qual caminhar, para refletir sobre nossa condição humana no mundo e para ser uma possibilidade de resposta às questões existenciais que possuímos. Apenas isso, e é o suficiente. Temos de nos livrar dos parâmetros cientificistas positivistas que pretendem, de um jeito ou outro, intuir em nossas experiências religiosas. Creio que nós nos perderemos se nos atentarmos demasiadamente para o que não é relevante nessas histórias, isto é, se elas existiram mesmo ou não. Agora, por outro lado, a questão que se coloca também é: ninguém pode dizer como Deus é. Como saberemos se estaremos nos afastando do “Deus verdadeiro”? Quer dizer que existe um “Deus falso”? Temos que evitar enquadrar Deus constantemente em categorias humanas: verdadeiro, falso, bom, mau, justo, injusto. Deus é Deus e escapa de nossa esfera de apreensão.



DEUS NO GIBI – Vários trechos do seu livro podem funcionar como temas para estudos em igrejas, comunidades religiosas, pequenos grupos. As pessoas estão preparadas para isso ou ainda ficam achando que gibi é “coisa de criança”?

Reblin – Gibi já deixou de ser coisa de criança há muito tempo. Basta olhar o público que compra quadrinhos atualmente, o tipo de material disponível e também a transposição, cada vez mais frequente, destas histórias para o cinema. É verdade que muitos temas abordados no livro servem para o trabalho em comunidades eclesiais. A ideia de mito, de herói, de construção social, de identidade cultural e temas como preconceito, alteridade, como os abordados no livro, servem para o trabalho comunitário. Muitas pessoas da área da educação, professoras, têm me abordado para discutir os temas em salas de aula e eu acho isso superbacana. É aquela ideia de “janela da realidade” da qual falei antes e na qual não há como dissociar elementos.

[Atualização] Agora, pensando na outra perspectiva, isto é, se as pessoas estão preparadas, acho que sim, mais ainda, elas esperam por atividades que vinculem as aspirações, crenças com o mundo em que vivem. Então, se um trabalho ou um estudo é capaz de brincar com elementos da cultura – do dia a dia – e relacioná-los com a fé, esse trabalho pode promover uma percepção mais harmoniosa do todo e da complexidade e da pluralidade da vida humana. Como já reiterei anteriormente, a tendência muito presente em vertentes protestantes é separar “as coisas de Deus” das “coisas do mundo”, sem perceber que Deus justamente se revelou no mundo, para que pudéssemos conhecê-lo (ou conhecê-la). E as experiências religiosas, as interpretações, os símbolos, as tradições se imiscuem em nosso dia a dia e não num universo alternativo. Portanto, o que estou querendo dizer é que uma das tarefas da teologia é justamente fazer com que essa pluralidade e essa diversidade sejam percebidas e que as experiências de fé, as experiências religiosas e a tradução dessas nas mais variadas histórias não sejam uma coisa de um ou dois dias

da semana, restritas a um espaço específico, isto é, comumente ao domingo na igreja, e que, por vezes, por se tratar de compreensão e leitura da realidade, essas experiências podem intencionalmente ou não emergirem transvestidas em nosso dia a dia em produtos culturais. Um das tarefas da teologia é olhar para essas produções culturais na tentativa de compreender como as experiências religiosas são traduzidas, lidas, incorporadas na vida social cotidiana.

DEUS NO GIBI – Como estudioso e fã de quadrinhos, você compartilha da opinião que falta maturidade às editoras cristãs do Brasil a respeito do potencial das histórias em quadrinhos?

Reblin – Acho que não é necessariamente uma questão de maturidade, mas uma questão de visão de mercado. Quadrinhos geralmente cativam o público jovem, adolescente e também o adulto. Muitos daqueles que, na década de 1980, eram crianças e compravam gibis, como eu, continuam a fazê-lo hoje. É por isso que a Editora Panini tem investido cada vez mais em livros refinados, de capa dura, que comportam histórias completas ou que marcaram época. São livros caros, de tiragem limitada, para um público seletivo, que cresceu lendo quadrinhos.

[Atualização] Agora, as editoras cristãs ou mesmo as editoras não vinculadas a uma instituição religiosa têm percebido cada vez mais que as histórias em quadrinhos são um produto interessante também para o mercado religioso. Prova disso é o crescimento de produções quadrinísticas que exploram temas religiosos. A “Bíblia em Ação”, “A Bíblia em Mangá”, e outras histórias não próprias das tradições, mas que exploram temas religiosos ou do contexto religioso, como Persépolis, o sucesso das tiras de Carlos Ruas, do Blog Um Sábado Qualquer, são exemplos de que há um potencial cultural e mercadológico para as histórias em quadrinhos.

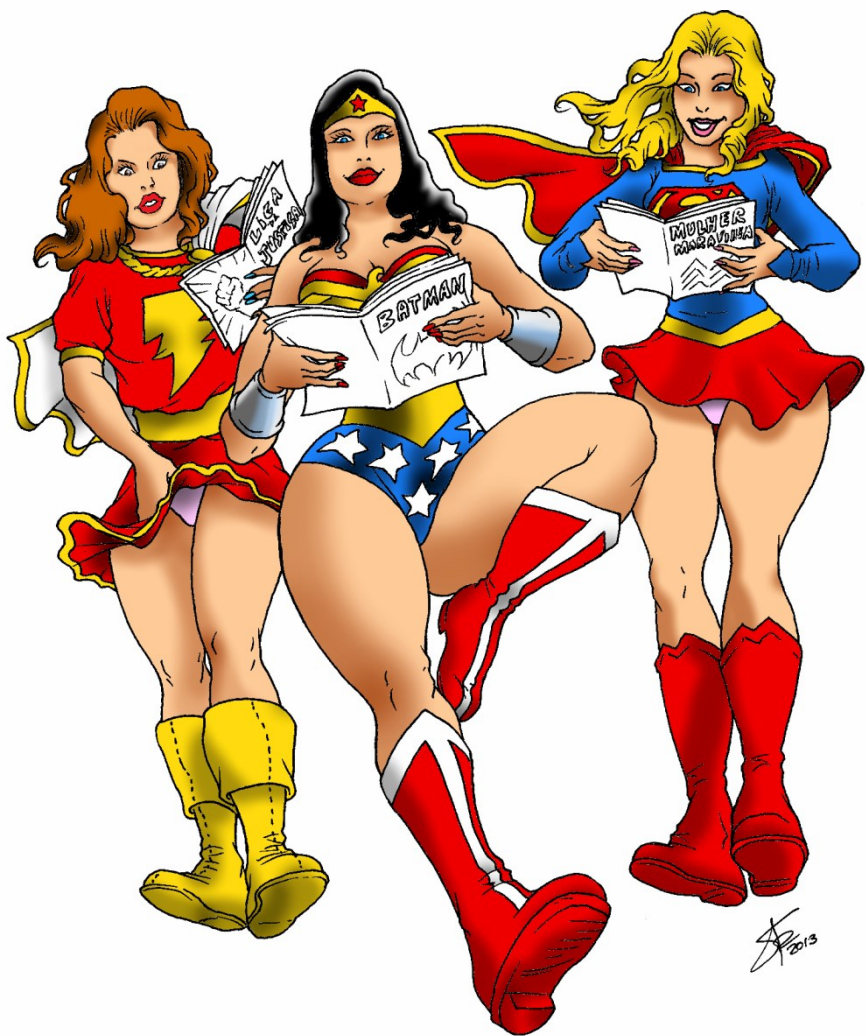


DEUS NO GIBI – Para finalizar, que superpoder você acha que falta aos líderes religiosos de hoje?

Reblin – Eu acho que o que está faltando é justamente a ausência de poder, de dizer que líderes religiosos não têm poder algum e que são humanos como nós e, como todos que vivem no planeta, estão aprendendo dia a dia a viver. Não possuem fórmulas de sucesso ou receitas para viver bem.

www.deusnogibi.com.br





! □ Segunda Conversa

Entrevista concedida
a *Faculdades EST*,
realizada por Micael
Vier Behs.*



O mundo elevado aos quadradinhos: Entrevista com Iuri Andréas Reblin

Iuri Andréas Reblin, doutorando em teologia pela Faculdades EST, co-organizador de *Super-heróis, cultura e sociedade: aproximações multidisciplinares sobre o mundo dos quadrinhos* (2011) e autor de *Para o Alto e Avante: uma análise do universo criativo dos super-heróis* (2008) apresenta, nesta entrevista, um universo paralelo, direcionado ao entretenimento, mas calcado no real, repleto de singularidades, poder, magia e fascinação, chamado de “mundo dos quadrinhos”.

Habitado por super-heróis, este mundo ficcional vem cativando gerações desde o início da década de 1940 do século passado. Hoje, para além da narrativa de histórias despretensiosas, o gibi também é lugar para o debate de temas delicados como drogadição, DSTs, relação de gênero e homoafetividade.

* A entrevista foi publicada na Internet em 2011 no site da Faculdades EST e, posteriormente, em *Protestantismo em Revista*. Cf. REBLIN, Iuri Andréas. O mundo elevado aos quadradinhos: entrevista com Iuri Andréas Reblin [Entrevista realizada por Micael Vier Behs]. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v.25, p. 121-127, maio/ago. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/154/187>>. Acesso em: 30 jan. 2013.

Constituídos a partir dos ideários e das experiências de seus criadores, Iuri argumenta que os super-heróis são amados pelo que representam: “a coragem, o altruísmo, a disposição para o sacrifício em prol do outro, a determinação, enfim, princípios nobres difíceis de encontrar ou de se ver espelhado na sociedade em geral”.

Tachadas de pseudoarte por uma elite pensante, as narrativas da superaventura foram, de fato, idealizadas com intuito de divertir. No entanto, sua função lúdica também faz sentir, pensar, refletir e enxergar o mundo a partir das lentes de um personagem inserido num determinado contexto sociocultural, com o qual compartilhamos nossos medos, angústias e ambições. É inegável, conforme ressalta Iuri, a identificação do leitor com os valores, os desafios e as problemáticas enfrentados por seu super-herói, que, de forma mais ou menos precisa, o faz emergir num universo ficcional nem tão distante daquele vivenciado na cotidianidade.

1) De que forma é possível compreender a cultura, os hábitos e os valores de uma determinada sociedade a partir da leitura das sagas ficcionais trilhadas por seus super-heróis?

Iuri Andréas Reblin – Simplesmente lendo as histórias. Ao ler histórias de ficção, mergulhamos no universo que nos é contado. Esse universo contado para nós não é moldado a partir do nada, mas é criado com base no modelo que o autor e, num espectro mais amplo, a sociedade em que o autor habita possuem sobre a realidade e suas vicissitudes. Nessa perspectiva, é possível afirmar que as histórias dos super-heróis são uma espécie de “janela da realidade” a partir da qual temos acesso a um mundo ficcional, calcado no real. Esse mundo ficcional se distingue particularmente do mundo real por ser uma versão compacta e limitada da narrativa e de suas descrições. Assim sendo, certos valores e hábitos, crenças



e princípios, se sobressairão de acordo com a intencionalidade da história.

2) Teus livros remetem à discussão em torno de grandes áreas do conhecimento, tais como a teologia, a sociologia, a psicologia e a antropologia. Desde quando as histórias em quadrinhos deixaram de ser leitura direcionada ao público infantil?

Reblin – Desde que esse público infantil leitor de quadrinhos cresceu e continua crescendo, quer dizer, envelhecendo. Para muitos, ler quadrinhos torna-se um verdadeiro hábito. Naturalmente, existe uma infinidade de histórias em quadrinhos e, claro, há aquelas histórias voltadas especificamente para crianças e adolescentes. Entretanto, se estamos falando aqui especialmente do gênero da superaventura, não podemos considerá-lo sem presumir um amadurecimento de autores e leitores.

Quando brinquei que a história em quadrinhos deixou de ser uma leitura direcionada ao público infantil a partir do momento em que seus leitores cresceram, há sim um fundo de verdade. Se, do início da década de 1940 até o final da década de 1950, as histórias eram mais despretensiosas, na segunda e na terceira onda, isto é, a partir da Era de Prata, mas, sobretudo, a partir da Era de Bronze, as narrativas começam a adquirir cada vez mais um grau de complexidade: temas delicados como a questão das drogas, das doenças sexualmente transmissíveis, principalmente a AIDS, as relações de gênero, as questões atinentes à etnia, à homoafetividade, começam a ser discutidos e abordados cada vez mais nas histórias em quadrinhos. E, vale lembrar, como ressaltou Roberto Guedes no início do seu livro “A Era de Bronze dos Super-

heróis”,¹ a segunda e a terceira gerações de artistas são constituídas, sobretudo, de fãs que cresceram lendo as histórias e sonhavam, algum dia, poder desenhar e escrever as histórias de seus personagens preferidos. Claro que nada impede que crianças comprem quadrinhos de super-heróis e acabem se tornando leitoras assíduas. Entretanto, pela linguagem, pelos temas das histórias, pelo grau de violência e até pela indicação de faixa etária recomendada de algumas edições, as histórias em quadrinhos deixaram, há muito tempo, de ser “coisa de criança”.

Além disso, nunca é demais lembrar que, quando as histórias em quadrinhos foram consagrando seu lugar no mercado, não demorou para surgirem quadrinhos para todos os tipos de gosto: ao lado das histórias infantis, havia as histórias de ficção, as histórias de horror, os quadrinhos eróticos, os policiais e, claro, os quadrinhos de super-heróis, os verdadeiros responsáveis pelo *boom* dos quadrinhos; enfim, havia diversos tipos de quadrinhos para todos os gostos e para todas as idades.

Os quadrinhos de super-heróis, na verdade, sempre foram mais voltados para adolescentes e jovens e, com o envelhecimento do público originário, adultos também. Não ficarei surpreso quando idosos entrarem na estatística do público consumidor de quadrinhos (*risos*). Essa mudança de público, ou, antes, sua ampliação, também é perceptível pelo lançamento, cada vez mais corrente, de álbuns de luxo, de edições encadernadas voltadas especialmente para o leitor-colecionador. São edições com papel especial, capa dura, que pesam significativamente no bolso do leitor casual. Assim, para resumir, podemos dizer que as histórias em quadrinhos, em especial aqui os

¹ GUEDES, Roberto. *A Era de Bronze dos Super-heróis*. São Paulo: HQ Maniacs, 2008.



quadrinhos de super-herói, já deixaram de ser literatura direcionada ao público infantil há muito tempo.

3) Na sua avaliação, existe uma relação direta entre os valores e os preceitos defendidos pelos super-heróis e a constituição da personalidade dos seus leitores?

Reblin – Acredito que a professora Denise D’Aurea Tardeli, que participa dessa coletânea de textos organizada por Nildo Viana e por mim com um texto intitulado “Super-heróis na construção da personalidade”, poderia responder melhor essa questão. Entretanto, pela minha experiência no estudo das narrativas e da narratividade humana – isto é, no ato de contar histórias – e suas relações no processo de invenção do mundo e na elaboração da personalidade, eu poderia apontar para a seguinte direção: existe uma relação entre o autor das histórias e as histórias dos super-heróis em si e existe uma relação entre as histórias e o público-leitor. A pergunta é se os valores e os preceitos defendidos pelos super-heróis interferem de alguma forma na constituição da personalidade de seus leitores. A resposta a ela é sim e não. Eu explico: minha impressão é que a resposta não é precisa, porque ela é, de um lado, subjetiva, depende de cada indivíduo, e essa dependência também se encontra relacionada à questão da faixa etária. Para a Denise, por exemplo, as histórias de super-heróis podem sim contribuir para o processo de amadurecimento das crianças tanto ao abordar arquétipos quanto ao lidar com emoções e apresentar soluções simbólicas, como ela chama, para os problemas que as crianças – bem como pessoas de outras faixas etárias – enfrentam no cotidiano. Há tanto um ideal quanto uma moral e uma postura ética implicados nas narrativas dos super-heróis. Como ressaltou Jeph Loeb e Tom Morris no seu texto publicado no livro “Super-heróis e a

filosofia”, os super-heróis são exemplos morais² para as pessoas, eles mostram o que é certo e o que é errado e quais tipos de escolha são mais adequados a serem realizados.

Nesse sentido, cada vez mais surgem exemplos pitorescos e, por vezes, até preocupantes na mídia em geral. Essa semana [19 de julho de 2011], por exemplo, no Chile, estudantes se vestiram de super-heróis para protestar contra as reformas educacionais propostas pelo presidente Sebastián Piñera. Isto é, eles se revestiram de um poder simbólico que transcende as dinâmicas e as artimanhas políticas, um poder simbólico que remete a um princípio de justiça claro para fazer valer o seu protesto, para que seu protesto seja ouvido. Além disso, anos atrás, uma criança que brincava vestida de Homem-Aranha resgatou um bebê de uma casa em chamas [8 de novembro de 2007], porque é isso que o Homem-Aranha faria e, de fato fez, no segundo filme da trilogia dirigida por Sam Raimi. Sem falar no lado extremo, isto é, nos fantasiados que se tornam vigilantes e realizam boas ações e chegam até a evitar assaltos nos Estados Unidos, colocando sua vida em risco; ou mesmo como acontece com muitas outras crianças que não possuem uma distinção clara entre ficção e realidade.

Agora, por outro lado, se considerarmos que o público que lê histórias de super-heróis é mais juvenil e adulto, pode ser que, antes

² “Eles são exemplos morais. O Super-Homem pode nos inspirar. Batman pode nos refrear quando queremos ser precipitados. O Homem-Aranha pode nos ajudar a entender que a voz da consciência é sempre mais importante que a cacofonia de vozes à nossa volta, que talvez estejam nos condenando, ou desconsiderando o que pensamos. Demolidor pode nos lembrar de que as nossas limitações não precisam retardar nossos passos e que todos nós temos forças ocultas com as quais podemos contar quando as circunstâncias forem particularmente desafiadoras”. LOEB, Jeph; MORRIS, Tom. Heróis e Super-heróis. In: IRWIN, William (Coord.). *Super-heróis e a filosofia: verdade, justiça e o caminho socrático*. São Paulo: Madras, 2005. p. 23-32. p. 31.



de interferir na constituição da personalidade, a leitura das histórias o faça reconhecer nelas diversos valores e princípios que o próprio leitor considera válidos, isto é, pode emergir antes um processo de identificação reflexiva no leitor. Por exemplo, um adolescente que tem dificuldades de achar uma namorada pode se identificar com certos super-heróis que possuem a mesma dificuldade de sociabilidade e de relacionamentos.

Em qualquer um desses casos, uma coisa é verdade: as pessoas não leriam histórias de super-heróis – e estas não fariam tanto sucesso – se não gostassem delas e se não houvesse nelas ou na comunicação entre ambos um princípio de identificação, quer seja de valores, quer seja de uma história específica que é narrada, quer seja pelo desafio e pelos problemas do Homem-Aranha, quer seja pelos músculos ou pela luta pela justiça do Superman. E, nesse sentido, há um quê de verdade naquilo que a Tia May, no segundo filme do Homem-Aranha, diz para o sobrinho dela e que transcrevi num texto intitulado “A teologia e a saga dos super-heróis: valores e crenças apresentados e representados no gibi”, que foi publicado na *Protestantismo em Revista*.³

A questão por trás da fala da Tia May é por que Henry, a criança vizinha, quer ser igual ao Homem Aranha quando crescer. A Tia May diz o seguinte “Ele conhece um herói quando ele vê um. Há poucos por aí, voando e salvando pessoas idosas como eu. E Deus sabe, crianças, como Henry, precisam de um herói. Pessoas corajosas, altruístas, servindo de exemplos para todos nós. Todos adoram heróis. Pessoas fazem fila para vê-los. Torcem por eles. Gritam seus

³ REBLIN, Iuri Andréas. A teologia e a saga dos super-heróis: valores e crenças apresentados e representados no gibi. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 22, p. 13-21, maio./ago 2010. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/54/63>>. Acesso em: 30 jan. 2013.

nomes. E, anos mais tarde, eles contam como ficaram na chuva por horas só para ver de relance aquele que os ensinou a aguentar um segundo a mais. Eu acredito que existe um herói em todos nós, que nos mantém honestos, nos dá força, nos enobrece e, finalmente, nos permite morrer com orgulho. Mesmo que às vezes tenhamos que estar preparados e desistir daquilo que mais queremos. Até mesmo de nossos sonhos”.⁴ Enfim, as pessoas amam os super-heróis pelo que ele representa: a coragem, o altruísmo, a disposição para o sacrifício em prol do outro, a determinação, enfim, princípios nobres difíceis de se encontrar ou de se ver espelhado na sociedade em geral.

4) Existe algum super-herói tipicamente brasileiro? Em quais aspectos ele difere do estereótipo do super-herói norte-americano?

Reblin – Existem inúmeros super-heróis brasileiros e os mais conhecidos atualmente, isto é, que eu particularmente conheço e acompanho são Velta, Nova, Cometa, Meteoro, Penitência, Crânio, Cabala, Capitão 7 e O Gralha. Cada um desses personagens possui uma trajetória específica – ao passo que alguns possuem décadas de

⁴ “He knows a hero when he sees one. Too few characters out there, flying around like that, saving old girls like me. And Lord knows, kids like Henry need a hero. Courageous, self-sacrificing people setting examples for all of us. Everybody loves a hero. People line up for them. Cheer them. Scream their names. And years later, they’ll tell how they stood in the rain for hours just to get a glimpse of the one who taught them to hold on a second longer. I believe there’s a hero in all of us that keeps us honest, give us strength, make us noble and finally allows us to die with pride. Even though sometimes we have to be steady and give up the thing we want the most. Even our dreams”. SPIDER-MAN 2. Sam Raimi. EUA: Columbia Pictures/Marvel Enterprises/Laura Ziskin : Columbia Tristar Home Entertainment, 2004. DVD Vídeo (127 min.) (Edição especial com 2 discos), cap. 35. (Tradução própria).



existência, outros são significativamente recentes – e está constituindo uma mitologia própria, à medida que suas histórias vão sendo publicadas, adquirindo consistência, e seus autores e leitores vão se tornando mais íntimos desses mesmos personagens.

Cada um desses personagens é, a meu ver, à sua maneira, um legítimo herói nacional, porque, afinal de contas, o que constitui a identidade de um personagem de ficção senão o conjunto justaposto e transitivo de histórias, experiências e ideais herdados por seus criadores? Ou seja, o criador é brasileiro, vive no país, lida com acontecimentos e notícias veiculados pela mídia brasileira e – embora goste ou admire o cinema americano, as séries de televisão e as músicas importadas e é igualmente influenciado por elas – sua leitura de mundo e seus sonhos partem de um contexto específico, brasileiro, mesmo que esse contexto também tenha um quê de estrangeirismo, não exclusivamente, embora principalmente, americano. Talvez não tenhamos especificamente aquilo que podemos chamar de legítimo super-herói brasileiro assim como o Superman e o Capitão América são para os Estados Unidos. Talvez, o que temos são antes super-heróis locais porque existem muitos brasis. Temos um super-herói curitibano, uma super-heroína paraibana, um super-herói catarinense, etc. Agora, uma coisa é definitivamente brasileira: a dificuldade financeira em produzir e divulgar, a dificuldade de se tornar conhecido.

A massiva maioria dos quadrinhos nacionais de super-heróis são hoje produções independentes, impressas em papel comum, em preto e branco, vendidas por correio e postadas diretamente por seus criadores, ou são disponibilizadas gratuitamente para *download* na Internet. E as produções brasileiras que são publicadas por editoras locais são edições especiais, sem a periodicidade das revistas de super-heróis americanos. Em outras palavras,

atualmente, é muito complicado sustentar um quadrinho de super-herói nacional no mercado.

Agora, retomando a pergunta sobre a tipicidade brasileira e sua distinção com o estereótipo de super-herói do Atlântico Norte, é importante ressaltar o seguinte: o super-herói enquanto personagem, tal como impregnado no imaginário cultural hoje, é, de fato, uma criação estadunidense. Não há como fugir disso. Assim, num espectro amplo, todos os super-heróis são, em maior ou em menor escala, baseados no modelo estadunidense. O que define um super-herói é a missão ou a jornada, o supervilão, o uso do uniforme, os superpoderes. Esses elementos foram se constituindo e definindo o gênero da superaventura, bem como o próprio modelo de super-herói, aquilo que pode ser reconhecido como super-herói, a partir das histórias daquele que foi o precursor de todos: o Superman. Então, numa macroescala, podemos afirmar provocativamente que não há distinção, porque o super-herói é um personagem de ficção típico – criado, gestado, difundido – dos Estados Unidos. Agora, numa microescala, podemos sim reconhecer distinções, e estas podem ser as mais diversas, quer seja o enredo das narrativas, quer seja na estética das histórias ou do personagem, quer seja por suas motivações pessoais que o tornaram quem ele é, etc. Enfim, em algumas histórias, poderemos identificar mais elementos próximos ao modelo estadunidense, em outras menos. Em todo o caso, esse jogo de diferenciação e semelhança não deve ser a preocupação principal, mas sim se tem uma boa história para contar e se essa história diz um pouco mais sobre nós mesmos e nossas motivações e, principalmente, se ela é capaz de nos divertir.



5) Em que medida a narrativa da superaventura pode ser considerada enquanto “janela da realidade”? O que enxergamos pelas brechas dessa janela?

Reblin – A narrativa da superaventura e, num espectro mais amplo, as histórias em quadrinhos em geral, podem ser consideradas “janelas da realidade” à medida que, enquanto histórias, elas retratam o contexto no qual e para o qual são escritas, os anseios de um grupo e as inspirações e as aspirações de uma sociedade. As histórias de ficção sempre são um retrato do real, ora mais nítido, ora mais confuso, pois é essa representação que possibilitará a comunicação e, conseqüentemente, nosso envolvimento com a narrativa. É nessa direção que Umberto Eco vai afirmar que “os mundos ficcionais são parasitas do mundo real”.⁵ E o que enxergamos por essa janela é justamente a amálgama difusa que é a vida humana.

6) Quais aspectos tipicamente teológicos podem ser observados nas histórias protagonizadas pelo Capitão Marvel e pelo Mago Shazam?

Reblin – Eu abordo esse tema especificamente no meu texto da coletânea de “Super-heróis, cultura e sociedade”, organizada em conjunto com o professor Nildo Viana, o livro que estamos lançando este mês [julho] e que deve estar nas livrarias no decorrer do segundo semestre deste ano. De uma maneira sintética, para não tirar o prazer daqueles que comprarão o livro e lerão o texto, podemos dizer que os aspectos “tipicamente” – digo tipicamente entre aspas – teológicos se concentram no uso da palavra mágica

⁵ ECO, Umberto. *Seis Passeios pelos bosques da ficção*. 9. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 89.

que transforma os adolescentes no super-herói. Isso porque a palavra é um acróstico formado a partir das iniciais dos nomes das entidades mítico-religiosas que concedem uma fração de seus dons àquele que pronuncia a palavra. Naturalmente, não é qualquer um que, ao pronunciar a palavra, se transforma em Capitão Marvel, é necessário que seja estabelecido um vínculo – na história, isso acontece por meio de um encanto realizado pelo mago – isto é, é necessário que a pessoa seja escolhida, e quem a escolhe é o mago. Então, os aspectos teológicos se delineiam a partir da relação que se estabelece entre essas entidades – Salomão, Hércules, Atlas, Zeus, Aquiles e Mercúrio – e os adolescentes, relação mediada pelo pronunciamento da palavra mágica, e a argumentação da própria narrativa de como essa relação acontece. Entretanto, não é só por essa relação explícita que aspectos teológicos, ou num contexto maior, aspectos religiosos, emergem.

Pensando nas narrativas dos super-heróis como um todo, aspectos teológicos podem emergir de diversas formas, de acordo com a intencionalidade da narrativa, quer seja ao abordar caricatamente o universo do sobrenatural, descrever cenários, quer seja ao apresentar as ações do personagem e as razões dele fazer o que faz. Em qualquer um dos casos, é importante salientar que os aspectos teológicos que serão evocados são expressões de uma teologia do cotidiano; isto é, são expressões de uma teologia que permeia o cotidiano e se confunde nele, uma teologia que é constituída, elaborada e reelaborada pelas pessoas no dia a dia. Isto é, trata-se de uma teologia que pode escapar das artimanhas das instituições e dos limites disciplinares da academia e tem a ver muito mais com as respostas que as próprias pessoas elaboram – e a forma como compreendem – para si diante dos desafios que enfrentam no dia a dia. Nessa perspectiva, é necessário superar e combater a visão disciplinar que temos das coisas a partir da academia. Desse modo,



eu posso responder à pergunta de uma maneira totalmente diferente. Eu posso dizer que não há elementos *tipicamente* teológicos em qualquer narrativa de super-herói. Por quê? Justamente porque, nessas narrativas, magia, religião, mito, cultura, economia se misturam, se imiscuem, se confundem, se interpenetram. Não é possível separar os elementos de uma narrativa, assim como não é possível fazê-lo na vida real. As representações transcritas nas narrativas são um reflexo, preciso ou não, do mundo em que vivemos.

7) A partir de um olhar transdisciplinar, teus livros, de certa forma, reconfiguram o lugar clássico ocupado pelo gênero da superaventura enquanto narrativa direcionada ao mundo do entretenimento. Devemos nós, adultos, reler os clássicos em quadrinhos sob outro ponto de vista?

Reblin – Não. Nós devemos ler as histórias em quadrinhos como sempre lemos, para nos divertir com as tramas. É esse o propósito dessas histórias. Se lermos as histórias em quadrinhos buscando toda vez dissecar as narrativas, as histórias em quadrinhos perderão seu brilho e seu encanto. O Superman vai se tornar tão chato quanto ler a *Introdução ao Antigo Testamento* de Werner Schmidt na graduação em teologia, que é uma leitura obrigatória. A própria leitura perderá a graça. As narrativas da superaventura são entretenimento e estão voltadas ao mundo do entretenimento. Agora, isso não significa que, por causa desse propósito, elas devem ser desprezadas ou discriminadas tal como aconteceu décadas atrás, ou ainda consideradas irrelevantes, *pseudoarte*, porcaria, por uma elite pensante, científica, acadêmica. Ao contrário, cada vez mais pessoas e instituições têm descoberto e redescoberto o potencial das histórias em quadrinhos. E, ao lermos as histórias em

quadrinhos para nos divertirmos, nos distrairmos, temos que ter em mente – e aí entra em jogo essa ideia de reconfiguração do lugar clássico – que as histórias em quadrinhos, as narrativas dos super-heróis são histórias que contamos de nós para nós mesmos, pensando aqui num sentido paradoxalmente amplo e particular. Elas são uma espécie de retrato do mundo, de uma visão de mundo, de uma sociedade, de um grupo. É justamente nesse propósito de se reconfigurar o lugar clássico das histórias em quadrinhos e de se atentar para a diversidade criativa de suas histórias que livros sobre esse universo fantástico são escritos. E é nessa perspectiva que devemos levar essas histórias a sério, porque o ser humano é justamente formado, como disse anteriormente, por essa justaposição imprecisa e transitiva de histórias que herdamos, incorporamos, adaptamos e transformamos. É nessa direção que pensadores como Jorge Larrosa, Umberto Eco, Rubem Alves e outros vão associar a constituição do ser humano – de ele ser quem ele é – com um palimpsesto. E quem disse que é só com as coisas sérias que se aprende? O entretenimento não é algo vazio, destituído de aprendizagem, reflexão e sentido. Devemos superar essa distinção entre o funcional e o não funcional. Devemos compreender o entretenimento de outra forma e entender que, no lazer, nós não cessamos de sentir, pensar, refletir. E essa é uma das percepções singulares de Rubem Alves ao defender uma educação lúdica.

8) Qual vem sendo a reação do público ao se deparar com narrativas que resgatam temas como religião, cultura, comportamento e crenças a partir de histórias de super-heróis?

Reblin – A reação do público é a mesma que tem sido ao longo de todos os anos anteriores, porque o importante é a história que é contada, lida e reinterpretada. As pessoas não leem as histórias dos



super-heróis esperando lá encontrar temas como religião, cultura, comportamento e crenças. Elas querem se divertir, se entreter, espalhar. Elas querem saber o que está acontecendo com seu personagem preferido, querem torcer por ele, chorar por ele, se preocupar com ele e ver como o super-herói, em sua jornada, enfrentará e vencerá os desafios que surgirem diante dele. À parte das histórias que possuem pretensamente a intenção de abordar um tema religioso – algo que é geralmente bastante pontual e até significativamente raro nas narrativas dos super-heróis – a presença de elementos ou temas religiosos acontece antes de forma muito mais sutil e casual, na abordagem de temas como esperança, altruísmo, justiça, ética, e de como o autor costura as argumentações em torno desses temas.

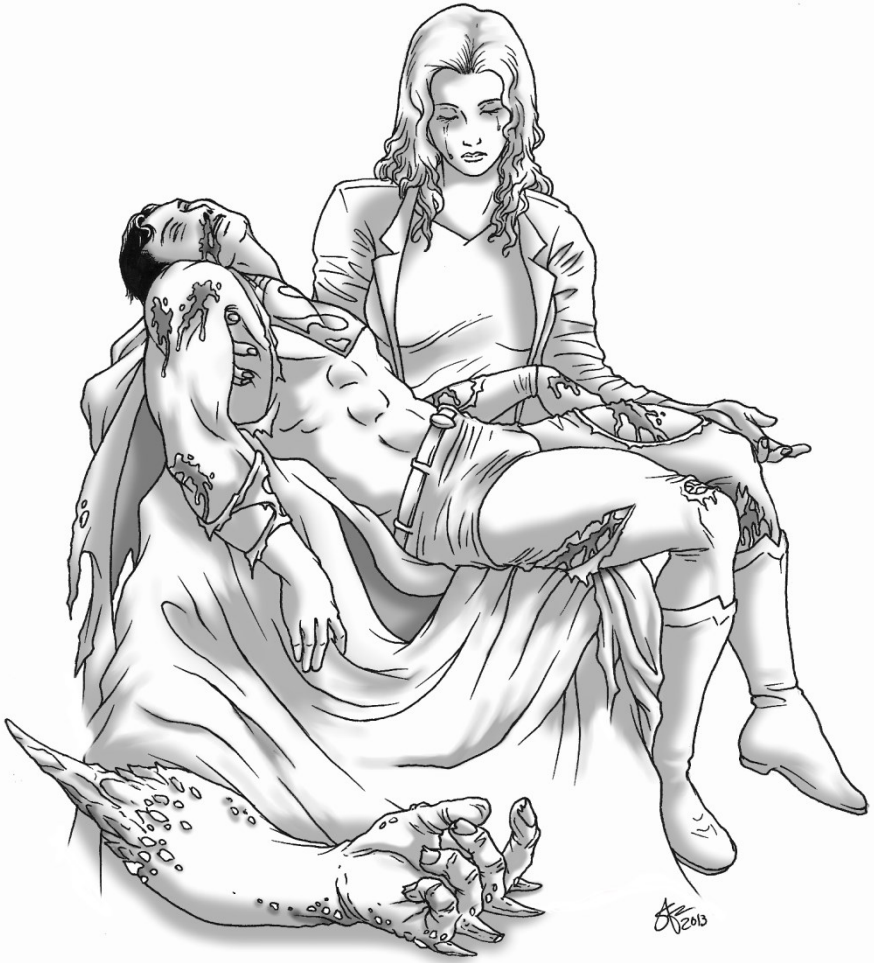
9) Qual é o teu grande super-herói? Por quê?

Reblin – Acho que essa é a pergunta mais difícil de responder (*risos*). Meu grande super-herói depende do dia, do momento e do meu humor. Entretanto, de uma maneira em geral sempre me senti mais atraído pelos personagens da *DC Comics*. Apesar de umas escapulidas e umas espiadas na concorrente *Marvel*, eu me considero um *decenauta* legítimo. Eu cresci assistindo os desenhos da *Hannah-Barbera* e da *Filmation*, assistindo seriados na televisão como o *Batman* da década de 1960, *Shazam*, *Superboy*, além de *Hulk*, *Homem-Aranha*, no decorrer da década de 1980, *The Flash* e *Lois & Clark* na década de 1990, *Smallville* e *Birds of Prey* na primeira década do novo milênio. Uma das imagens mais surpreendentes da infância foi quando assisti o *Superman* de *Christopher Reeve* numa televisão em preto e branco na *Sessão da Tarde* e descobri, posteriormente, os robôs dos *Tokusatsu* japoneses, com o perdão da redundância. Claro que não passei minha infância toda na frente da



televisão. Na verdade, os horários estipulados para assistir televisão eram restritos e definidos segundo uma grade de tarefas – fazer dever de casa, brincar na rua, etc. Mas os super-heróis sempre me acompanharam nos mais diversos momentos da vida, nas brincadeiras, nos gibis que eu comprava e lia. Enfim, fazem parte do meu imaginário. Assim, dependendo do dia, do momento, do meu humor e da história, eu me volto mais a um ou outro personagem. Em todo o caso, para nomear os personagens que mais me interessam, posso afirmar que sou um grande fã de uma tríade que oscila em preferência: Superman, Capitão Marvel e Mulher Maravilha. Naturalmente, Superman é o personagem mais constante. Entretanto, em pé de igualdade está o Capitão Marvel, com quem tenho me ocupado significativamente nos últimos anos, e a Mulher Maravilha, a qual, juntamente com a Supergirl e, numa escala menor, as Aves de Rapina e o Lanterna Verde, tem me divertido nas horas de folga. Por quê? É difícil dizer racionalmente. Vamos dizer apenas que sempre tive um apreço maior por histórias que envolvem ficção, magia e mitologia. Nessa direção, acho que, se houvesse atualmente um gibi do Capitão Marvel, eu seria o primeiro a esperar na banca. Portanto, no momento desta entrevista, a tríade está mais para a seguinte ordem: Capitão Marvel – Mulher Maravilha – Superman (*risos*).





Jornal Santuário de Aparecida – Como surgiu a ideia de organizar esse livro, que é também uma parceria com Nildo Viana?

Iuri Andréas Reblin – Pois bem, em primeiro lugar, tanto eu quanto o Nildo, assim como praticamente todos os autores que participaram dessa coletânea, somos fãs incondicionais de histórias em quadrinhos, especialmente de histórias de super-heróis. Então, a primeira motivação, mais subjetiva, digamos, parte de um interesse em comum. A ideia de organizar esse livro emergiu efetivamente a partir de diversas motivações, das quais vou destacar três: primeira, a lacuna no espaço editorial e até da academia de obras que abordem analiticamente temas da cultura *pop*, em geral, e, em especial, as histórias dos super-heróis. A segunda é a erupção de eventos relacionados à cultura *pop* em todo o Brasil. A terceira é decorrente de uma crescente ampliação, tanto do mercado quanto da produção de filmes, desenhos, de super-heróis. E a questão que esse livro quer fomentar é quais são as possibilidades, as potencialidades e os limites que esse gênero literário – a superaventura – provoca, promove e enseja nos seus leitores e leitoras.

JS – Ao folhear o livro, percebe-se que há textos de vários autores abordando o assunto. Como foi feita a seleção?

Reblin – Na verdade, não foi uma seleção de textos, mas de autores. E o critério de escolha de quem participaria foi a trajetória e o envolvimento de cada autor com o assunto. Os autores que participam são pesquisadores que, há longa data, já se ocupam com as histórias dos super-heróis e, num sentido amplo, com as histórias em quadrinhos em geral, dentro da academia e dentro de suas áreas de atuação. E isso torna o livro interessantíssimo de ser lido, tanto para aquele que é fã de quadrinhos quanto para outros públicos. Professores, pesquisadores de diversas áreas verão como os quadrinhos e as histórias dos super-heróis abordam temas atuais, complexos, e quais as potencialidades dessas histórias para



sabermos mais sobre nós mesmos. Aqueles que pensam que histórias em quadrinhos e histórias de super-heróis são apenas “coisa de criança” podem se surpreender.

JS – Na obra, há um capítulo especialmente dedicado à relação entre os super-heróis, a cultura, a religião e os valores morais. Qual é a tônica disso tudo?

Reblin – Na seguinte perspectiva: as histórias dos super-heróis são especificamente isso: histórias. E, enquanto histórias, religião, arte, cultura, economia, política, valores e tudo aquilo que constitui nosso universo simbólico, isto é, o mundo em que vivemos, são transportados para as histórias em quadrinhos. Contar histórias é o jeito de dizermos para nós mesmos como percebemos o mundo em que vivemos, o que esperamos, o que tememos, isto é, trata-se de uma leitura de mundo, visto que aprendemos quem somos e porque somos a partir das histórias que são contadas para nós, isto é, do que nos é ensinado e das experiências que vivemos. E os super-heróis aqui se tornam particularmente interessantes, porque os super-heróis expressam o heroísmo, tudo aquilo que esperamos que um herói seja: altruísta, corajoso, isto é, todos os valores que estimamos como nobres, o arquétipo que o herói, em geral, carrega. Mas o super-herói não é só herói, ele é super, e, nesse aspecto, se olharmos as histórias com atenção, nós podemos identificar muitos elementos religiosos imbricados. Ou seja, cultura, religião e valores morais se fundem e se confundem não apenas nas histórias que são contadas, mas na própria constituição do personagem.

[Atualização] Este capítulo sobre religião e cultura nas histórias em quadrinhos explora a história do Capitão Marvel, ou Shazam, como é chamado hoje, e fornece uma perspectiva peculiar de como a religião, ou melhor, a religiosidade popular e a teologia do cotidiano, se imiscuem no ato de contar histórias. A tônica, em síntese, é que encontramos um pensamento teológico ordinário nas produções culturais, sem querer forçar uma identificação.

JS – Os super-heróis surgiram numa época em que os Estados Unidos emergiam como potência. Agora que o mundo é globalizado, o discurso dos super-heróis também mudou?

Reblin – Na verdade, foi o contrário. Os super-heróis surgiram justamente quando os Estados Unidos mergulharam numa crise enorme, e todo o globo, conseqüentemente, devido à quebra da Bolsa de Nova York, à política econômica do então presidente Roosevelt, muito dura por sinal, aos primórdios da Segunda Guerra Mundial, enfim. Então, os super-heróis surgiram num momento de crise, numa tentativa, poderíamos dizer até inconsciente, de reafirmar os valores, os ideais. E os super-heróis continuam fazendo isso. Eles são sempre expressões de um tempo. E a grande mudança para o mundo hoje que eu percebo é a questão da divulgação, difusão, do imaginário. O super-herói está impregnado no imaginário popular global mais do que nunca. Eles se consolidaram como mitologias contemporâneas. E, na perspectiva da globalização, o que podemos perceber é a adaptação desses personagens em outros contextos, o que não se via antes do movimento global, ou, ao menos, não de forma tão nítida. O Homem-Aranha indiano é um caso particularmente interessante, por misturar a história do personagem com os valores e as crenças da Índia. Essa seria minha leitura – em linhas gerais – desse movimento.

[Atualização] Agora, sim, o discurso dos super-heróis também muda com o tempo. Se você observar a evolução dos personagens através dos tempos, você poderá identificar como o um personagem pode passar de super-herói com uma arma na mão, embora essa fase tenha durado pouquíssimo tempo, para o bom mocismo, de lá para aqueles com problemas familiares e, depois para uma era sombria. Mas não é só o estilo de narrativa que evolui e a complexidade das tramas que se altera a cada vez que uma história é reinicializada (compare a origem de uma página do Superman de 1938, com a



versão de John Byrne, após a Crise nas Infinitas Terras, de 1986, a de Mark Waid, em Legado nas Estrelas, de 2003-2004, e a origem contada em Action Comics pós-Novos 52, a partir de 2011, que você verá essa complexidade, assim como a incorporação de elementos que se consolidaram na mitologia do personagem). O conceito de herói também muda. Do altruísta e do perfil “não mate seus inimigos”, nós temos a evolução para um tipo de herói que tem a permissão de matar ou deixar morrer, que se torna evidente no universo das duas maiores editoras, sobretudo, a partir de 11 de setembro de 2001. E isso é uma mudança radical no conceito clássico de heroísmo impregnado na superaventura. Considerando que o herói é um arquétipo, um tipo ideal que serve de referência para todos nós, e se considerarmos que esse tipo ideal, numa cultura marcadamente religiosa e protestante, como são os Estados Unidos, carrega princípios religiosos, como o 5º Mandamento, por exemplo, estamos presenciando uma mudança significativa aqui. A saga dos Lanternas Verdes em que os Guardiões revogaram o uso não letal dos anéis, é um dos exemplos disso. E, até onde sei, essa saga permanece na mitologia do personagem após a reinicialização do universo em setembro de 2011, curiosamente, 10 anos após o incidente das torres gêmeas. Independente disso, sem discutir essa especulação de datas, o que significa dizer que ideal pelo qual todos nós devemos nos espelhar permite assassinato? A morte de um bandido tornou-se justificável? É isso que a proposta da reinicializar o universo e de atualizar os personagens e suas histórias para o novo contexto significa? Esse é o referencial que devemos perseguir? Portanto, sim, o contexto no qual as histórias são produzidas também muda as narrativas e os personagens.





□! Quarta Conversa

Entrevista concedida
a *Faculdades EST*,
realizada por Micael Vier Behs*



O potencial teológico das histórias em quadrinhos: entrevista com Iuri Andréas Reblin

Tendo a sua tese de doutorado aprovada com distinção no contexto do Programa de Pós-Graduação da EST, nesta entrevista, o Prof. Dr. Iuri Andréas Reblin situa as histórias em quadrinhos como lugar profícuo para o debate de temas teológicos em diálogo com a superaventura.

Popularizadas na década de 1940 do século passado, as narrativas dos super-heróis foram, no início, interpretadas como uma ameaça aos valores aristocráticos na medida em que, enquanto cultura de massa, colocavam em xeque os parâmetros hegemônicos relacionados às produções culturais.

Segundo Reblin, a vida do super-herói pode reunir tanto características humanas quanto divinas, situando-o como “uma paródia de nós mesmos”, das nossas crenças, medos e valores.

* A entrevista foi publicada na Internet em 2012 no site da Faculdades EST e, posteriormente, em *Protestantismo em Revista*. Cf. REBLIN, Iuri Andréas. O potencial teológico das histórias em quadrinhos: entrevista com Iuri Andréas Reblin [Entrevista realizada por Micael Vier Behs]. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v.28, p. 131-134, maio/ago. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/349/357>>. Acesso em: 30 jan. 2013.

A tese sugere que a leitura atenta das superaventuras contribui para o debate em torno de questões caras à teologia latino-americana, tais como violência, direitos humanos e gênero. Também favorece o discernimento sobre questões relacionadas à teologia tradicional, tais como vida e morte, ressurreição e ética. Por fim, a superaventura adentra assuntos que se tornaram motivo de conflito e tensão entre o religioso e o secular, a exemplo de aborto, eutanásia e relação homoafetiva.

Confira abaixo a entrevista completa de Iuri, atualmente inserido no quadro docente da Faculdades EST.

1) Por que os quadrinhos, historicamente, foram desprezados pela comunidade acadêmica enquanto objeto de pesquisa?

Reblin – Devido a uma soma de fatores, na verdade. Durante a primeira metade do século passado, havia a compreensão de que a arte e a cultura (leia-se: a chamada cultura erudita ou alta cultura) e os valores aristocráticos estavam em risco por causa da ascensão da indústria cultural, da reprodução em série. Acreditava-se que as obras de arte, a música erudita não poderiam ser reproduzidas, consumidas e comercializadas em larga escala sob o perigo de se converter a arte em Kitsch. Os teóricos da Escola de Frankfurt, por exemplo, levantaram diversos questionamentos sobre o status das produções culturais diante da ascensão do contexto pós-Revolução Industrial e sugeriram, inclusive, como a cultura poderia ou deveria ser entendida nesse contexto. As Histórias em Quadrinhos surgem exatamente no meio disso como uma expressão artística desse novo cenário social. Com a explosão dos quadrinhos nas décadas de 1930, mas, especialmente, de 1940, os estudiosos voltaram sua atenção para o que estava acontecendo à sua volta. A repercussão e o consumo estrondoso dos quadrinhos levantaram questionamentos acerca da salubridade dessa leitura. E, para complicar a situação de vez, um renomado psiquiatra alemão, naturalizado estadunidense, chamado Fredric Wertham, afirmou que as histórias em quadrinhos



estimulavam a violência, o sadismo e a delinquência juvenil. A repercussão de suas afirmações, aliada a uma imprensa conversadora que criou mais polêmica ainda sobre o assunto, foi gravíssima para as histórias em quadrinhos, causando, inclusive, uma retranca artística nas suas produções.

2) Como foi a receptividade da tua tese no contexto do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades EST?

Reblin – Minha tese sobre quadrinhos em geral e sobre a superaventura, em especial no contexto do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades EST, foi uma proposta que amadureceu ao longo dos anos. Minha preocupação com as produções artístico-culturais da era contemporânea já me acompanhava desde a graduação no Bacharelado em Teologia. Já naquela época, eu buscava relacionar o pensamento teológico com o cinema e as histórias em quadrinhos. Meu Trabalho de Conclusão de Curso, por exemplo, foi um ensaio sobre a axiologia e a religiosidade nas histórias em quadrinhos, em especial, numa história do Superman. Ao ingressar, anos mais tarde, no Mestrado, eu apresentei uma proposta similar, mas eu senti que eu precisava encontrar um referencial teórico teológico que fornecesse a sustentação necessária para essa incursão analítica. Foi nesse processo que me deparei com a reflexão tradicional clássica da teologia que me questionava de vesgueio: “o que a teologia tem a ver com histórias em quadrinhos?”; “o que a teologia tem a ver com super-heróis?”. Nas entrelinhas, a minha interpretação era a seguinte: “não perca o tempo com bobagens”; “essa é uma pesquisa desinteressante para a academia”. O que aconteceu foi que eu me deparei, na verdade, com as mais distintas reações, evidentemente, como eu as percebi. Havia aqueles que queriam ver como eu me sairia com o assunto na área, os curiosos; havia aqueles que me apoiavam e aqueles que desconfiavam das minhas intenções, como acontece em toda a academia: pessoas diferentes, tradições



diferentes, intenções diferentes de pesquisa, etc. Lembro-me de certa ocasião em que um professor, que trabalhava no programa na época, soltou uma gargalhada na sala de aula quando mencionei que minha pesquisa se ocupava com o Homem-Aranha. Claro que ele logo viu que não se tratava de piada. Na época, não foi “nada de mais”, exceto que eu fiquei conhecido como “aquele que pesquisa o Homem-Aranha”. Nos bastidores, as pessoas, vira e volta, vinham conversar comigo e me sondavam para tentar saber mais a respeito, para dizer que liam ou não liam, leram ou não leram quadrinhos, mas que assistiam filmes de super-heróis, etc. Enfim, esse mesmo professor apresentou possibilidades teóricas de outras áreas do saber interessantes para minha pesquisa, mas, apesar disso, o recado estava dado. Mesmo que tenha sido em tom de brincadeira, eu sabia que ninguém me levaria a sério se eu não trouxesse um referencial, um quadro teórico capaz de suprir a ponte que havia entre a teologia e as produções culturais. Ou seja, eu sentia, por um lado, nitidamente a pressão de um pensamento teológico clássico, mas, por outro lado, também encontrava simpatizantes das minhas ideias. Havia uma turma que discutia fortemente o pensamento do teólogo alemão Paul Tillich, o qual se ocupou magistralmente com a arte e as expressões culturais, delineando, inclusive, um método muito interessante de análise da cultura. Acreditavam que o que iria acontecer era eu seguir naturalmente o mesmo caminho e fazer uma leitura das histórias dos super-heróis baseando-me no pensamento tillichiano. Mas, na verdade, o que aconteceu antes foi outro processo: esse constante questionamento da relevância da minha pesquisa me deixou inseguro em relação à própria teologia. Será que estávamos todos falando a mesma linguagem? Será que era eu que não conseguia ver a teologia da forma adequada com que aparecia para mim? Eu estava no caminho correto? Eu não conseguia aceitar a ideia de que a teologia se preocupava sobremaneira com as “coisas divinas” e que as “coisas divinas” deveriam ser interpretadas, lidas e ditas para o bem da sociedade. Para mim a teologia sempre tem a ver com um contexto. Até



comecei a suspeitar se o que eu estava fazendo não era uma espécie de ciências da religião, porque a minha preocupação se concentrava não no dizer de Deus, mas no que as pessoas no dia a dia pensavam sobre Deus e como elas expressavam isso. Assim, abandonei o Homem-Aranha naquele momento e acabei me ocupando no mestrado com uma compreensão de teologia que fosse capaz de satisfazer essas minhas angústias pessoais. Naturalmente, existem aqueles que ainda questionam se eu, então, havia feito a escolha correta, porque escolhi o pensamento de Rubem Alves, e Rubem Alves era um dissidente, havia renunciado à teologia e vertido por outros caminhos. Ou seja, eu continuava na contramão do que usualmente se entendia o que deveria ser o saber teológico. Naturalmente, ele fez isso diante de um tipo específico de teologia e buscou outros cheiros e sabores que saciavam suas angústias. O fato é que seu pensamento delineou novos horizontes para mim e me possibilitou novas maneiras de pensar a realidade e, inclusive, de compreender a própria Teologia da Libertação. Isso porque o Rubem Alves não pensa em “caixinhas”. Ele é um cozinheiro de palavras nato. Ele mistura as palavras, conceitos e ideias de tal maneira (transdisciplinar) que instigam pensamentos não pensados. Enfim, no mestrado, acabei encontrando em Rubem Alves um pensamento capaz de me auxiliar a pensar novas relações entre a teologia e a vida social cotidiana. Além disso, naturalmente, não posso deixar de dizer que eu tive muito apoio da turma da área de religião e educação que já, na teologia, lida, de uma maneira criativa, na fronteira do saber teológico. Assim, quando ingressei no doutorado (após uma longa caminhada de mais de uma década na EST, desconsideradas idas e vindas) eu já estava certo do que queria, e eu tinha, diante de mim, os recursos para encontrar as ferramentas que pudessem resolver meu problema: a relação entre teologia e histórias em quadrinhos. De uma maneira em geral, eu não tive problemas em apresentar um tema então atípico para a teologia na EST. Em resumo: o contexto da EST enquanto academia e centro renomado de pesquisa é único e sempre me provocou a ir além,

tanto para resolver minhas angústias particulares em relação à teologia quanto para buscar um olhar fronteiriço em diálogo com a superaventura. Agora, eu já sou suspeito para falar, mas, em minha opinião, a EST não é só um centro de pesquisa teológica, altamente qualificado, em termos de estrutura técnica (recursos) e pessoal (corpo docente), é um centro de pesquisa que realiza o princípio básico de todo processo educativo segundo Rubem Alves: ela ensina a pensar.

3) Em que medida as discussões atuais, especialmente àquelas vinculadas ao mundo teológico, também estão inseridas nas histórias em quadrinhos?

Em primeiro lugar, depende do que eu entendo como discussões atuais vinculadas especialmente ao mundo teológico. Posso entender essas discussões como todas aquelas que interferem diretamente na vida humana e na forma como essa vida é vivida, como, por exemplo, a questão da violência, do gênero, dos direitos humanos, da pobreza, isto é, como assuntos implicados diretamente a um jeito particular de se compreender e de se fazer teologia no contexto latino-americano. Mas posso entender também como questões relacionadas à teologia tradicional: vida e morte, ressurreição, a ação de Deus no mundo, a postura ética, os valores cristãos; como posso entender ainda os assuntos considerados nevrálgicos na vida social nos quais as coisas tendem a se misturar e, frequentemente, a se confundir; isto é, os temas cadentes que se tornam zonas de conflito e disputas de poder e de tensão entre o religioso e o secular: aborto, eutanásia, relação homoafetiva, etc. Todos esses exemplos arrolados aqui e uma infinidade de variações podem ser encontrados nas histórias em quadrinhos. Isso porque as histórias em quadrinhos são produções culturais e, enquanto produções culturais, elas são inseridas dentro de um contexto e são representantes deste. Mais ainda, as histórias em quadrinhos são apresentações e representações do mundo. Elas são, na



verdade, uma rede imbricada de relações que tensionam o interesse de um grupo, os anseios de um público, a intencionalidade de autores e o universo simbólico-cultural compactuado (ora mais, ora menos) entre eles. Como já afirmei em outras ocasiões, tudo pode ser encontrado nas histórias em quadrinhos sujeito à intencionalidade da narrativa.

4) A leitura das histórias em quadrinhos consta nos parâmetros curriculares nacionais. Isso significa uma reavaliação em torno do significado e relevância desse material enquanto instrumento educativo, surgido no contexto da emergência da cultura de massa?

Esse é um tema polêmico. Como afirmou Paulo Ramos em uma palestra sobre educação, leitura e histórias em quadrinhos há poucas semanas,¹ por um lado, representa sim um avanço significativo em termos de ensino e de políticas educacionais em relação ao lugar das histórias em quadrinhos. Há um incentivo e até uma obrigação na utilização das histórias em quadrinhos em sala de aula, na produção de material didático, etc. Por outro lado, entretanto, há uma série de limitações, porque esse mesmo lugar das histórias em quadrinhos ainda não está claro aos olhos do governo, uma vez que uma leitura dos últimos editais do Programa Nacional Biblioteca na Escola evidencie uma preferência por histórias em quadrinhos que sejam adaptações de literaturas clássicas. Ou seja, ainda é possível identificar claramente que há um processo de transição e de aceitação das histórias em quadrinhos enquanto histórias em quadrinhos.

¹ RAMOS, Paulo. Palestra no III Seminário sobre quadrinhos, leitura e ensino. Leopoldina, 30 de março de 2012. Disponível em: <<http://youtu.be/uw1pcfi5HA0>>. Acesso em: 30 jan. 2013.

5) Em que medida os super-heróis e a teologia se encontram no ato de contar histórias, nas histórias em quadrinhos, nos mitos e nas lendas que visam testemunhar a experiência das pessoas em sua relação com a vida e ao mundo religioso?

Super-heróis e teologia se encontram no ato de contar histórias, num contexto amplo, e nas histórias em quadrinhos, num contexto particular, em três perspectivas: uma perspectiva temática, pelo fato de ambas abordarem temas significativamente comuns: a questão da morte, da injustiça, do mal, etc., resguardadas suas particularidades; uma perspectiva metodológica, pelo caráter mítico que permeia as histórias de ambos os “gêneros”, isto é, tanto as histórias de super-heróis quanto as narrativas religiosas e/ou teológicas são, no fundo, memórias; uma perspectiva ideológica, pelo fato de ambas quererem, dentro da intencionalidade de suas narrativas, apresentar um ideal no real.

6) O super-herói se aproxima de uma concepção divina? Ele transcende a condição humana ou apresenta fraquezas e problemas que também afligem o ser humano?

É difícil dizer com precisão o que o super-herói é. Ele se aproxima de uma concepção divina? Sim. Ele transcende a condição humana? Sim. Ele apresenta fraquezas e problemas que também afligem o ser humano? Sim. Na verdade, ele pode ser (e na maioria das vezes é) tudo isso ao mesmo tempo, porque ele é um personagem. Enquanto tal, ele é uma paródia de nós mesmos, de quem nós fomos; de quem nós somos; de quem nós sonhamos ser; de quem nós podemos vir a ser. O personagem deriva da mesma raiz de pessoa, *persona*, que remete a um papel que é desempenhado, uma máscara que é assumida por nós na vida social cotidiana. Enquanto personagem, o super-herói também é um “super-homem de massa”, para utilizar aqui o termo empregado por Umberto Eco, isto é, um herói carismático, individual, que pode ser, ora mais, ora menos, moralmente carregado, típico em um tipo específico de

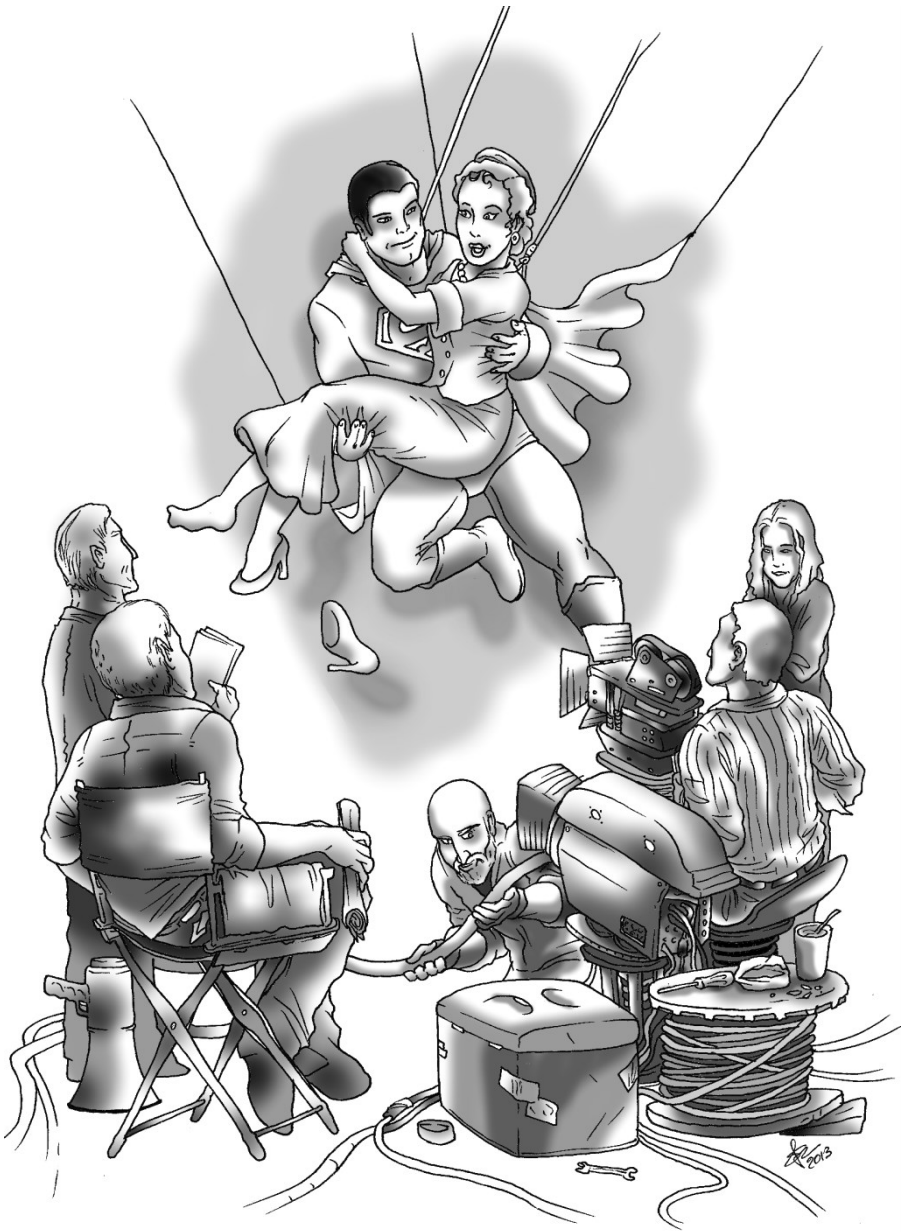


literatura que é produzida e comercializada para uma gama de leitores: o romance de folhetim. Ele se constitui por meio de uma tensão entre os anseios dos leitores e os anseios dirigidos aos leitores.

7) Finalizada a tese, quais são os seus projetos futuros?

Profissional e academicamente, vou continuar envolvido com histórias em quadrinhos. Isto é, desenvolver novos projetos de pesquisa, estreitar as relações interdisciplinares e interinstitucionais com outros grupos e pesquisadores de arte sequencial, bem como desenvolver trabalhos em sala de aula, na graduação e na pós, dentro da minha especificidade: a leitura dos quadrinhos, do cinema, das narrativas contemporâneas, a relação entre teologia e histórias em quadrinhos, teologia e as produções culturais da era contemporânea.





☰ Quinta Conversa

Entrevista concedida
ao Blog *Quadrinhos em
Questão*,
realizada por Ronaldo Barreto *



QQ – Como surgiu o seu interesse por histórias em quadrinhos?

Iuri Andréas Reblin – Fui criança na década de 1980 e início de 1990 e acompanhava religiosamente os desenhos animados da *Hanna-Barbera* e da *Filmation* na televisão. Uma tia minha desenhava esses personagens para mim quando eu a visitava. Numa época sem internet, celulares e pouquíssimos cinemas, meus passatempos preferidos eram desenhar esses personagens e viver suas aventuras por meio da fantasia e da imaginação. Assim um cobertor armado em um vão da escada se tornava uma caverna, uma marcação no chão indicava os limites das construções, bem ao estilo da estética do filme *Dogville* de Lars von Trier, e minha irmã, a parceira dessas aventuras. Outra tia minha possuía uma pilha de quadrinhos que ficava na mesinha do telefone. Folhear e ler as revistinhas eram praticamente um hábito toda vez que a visitava. Também havia apenas uma única banca na cidade onde eu morava e ela ficava localizada justamente na praça em frente à minha casa. Lembro que o dono, Sr. Norberto, precisava ir sempre até a capital buscar as

* A entrevista foi publicada na Internet em 16 de setembro de 2012 no site da *Quadrinhos em Questão*. Cf. REBLIN, Iuri Andréas. QQ Entrevista: Iuri Andréas Reblin. [Entrevista realizada por Ronaldo Barreto]. *Quadrinhos em Questão*. 16 set. 2012. 13h54. Disponível em: <<http://quadrinhosemquestao.com/2012/09/16/qq-entrevista-iuri-andreas-reblin/>>. Acesso em: 30 jan. 2013.

novidades. Quando descobri que nessa banca havia as revistas que lia na casa da minha tia, tornei-me um cliente assíduo e toda vez que podia, comprava. Lembro-me comprando a revista n. 100 que trazia o casamento do Homem-Aranha com a Mary Jane, a n. 23 da Teia que trazia a morte de Gwen Stacy, os gibis do Super-Homem, do Batman. Sempre fui um devorador dessas histórias. Também não demorou muito para eu inventar minhas próprias revistinhas, com personagens bem singulares que eram um *mix* dos super-heróis estadunidenses e dos personagens dos *tokusatsu* japoneses. Quando criança, eu sempre fui introvertido e tímido e a imaginação possibilitava criar meus próprios mundos e ser o herói de minhas próprias sagas. Também nunca cheguei a me declarar para a garota por quem eu tinha uma queda quando adolescente, mas eu a salvava sempre em minhas histórias. Enfim, minha vida sempre foi permeada por histórias em quadrinhos, pelos voos da imaginação e por esses personagens fantásticos da cultura popular tanto que se torna difícil dizer exatamente quando meu interesse surgiu. As histórias em quadrinhos fazem parte da minha formação e integram as inúmeras histórias que incorporei ou assimilei e que também fizeram de mim quem sou, como compreenderia Jorge Larrosa¹ a respeito da formação/invenção do ser humano. Para dizer a verdade, não me canso das histórias em quadrinhos porque a cada dia eu me interessava por elas novamente (*risos*).

QQ – Quais foram os primeiros quadrinhos que você leu? E qual é o seu gênero favorito?

Reblin – Os primeiros quadrinhos que eu folhei e depois li foram os quadrinhos da Disney e da Turma da Mônica, pois estes eram justamente aqueles quadrinhos que ficavam na mesinha do telefone na casa da minha tia. Entretanto, assim que descobri os quadrinhos

¹ No livro: LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. 4. ed. 3 reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.



de super-heróis, esses quadrinhos ficaram de lado, exceto quando traziam histórias do superpató, do morcego verde e outras versões super-heroicas do mundo Disney e do universo do Maurício de Sousa. Então, sou um fã do gênero dos super-heróis ou do gênero da superaventura e esse é e continua sendo meu gênero favorito. Isso não significa que eu não tenha interesse por outros gêneros. Estou acompanhando os Mortos-Vivos lançado pela HQM e também produções que fogem um tanto das produções em massa como as obras de Milo Manara, além de uma e outra produção independente, nacional, etc. Tem um super-herói nacional que tenho admirado bastante pela qualidade estética e o amadurecimento nas narrativas: o *Cometa*, de Samicler Gonçalves, de Chapecó, SC. Enfim, mesmo que você tenha uma queda por um ou outro gênero ou mesmo abertura para ler produções variadas, o que vai lhe segurar é sempre uma boa história, uma narrativa gráfica e textual capaz de lhe surpreender ou de apresentar novas perspectivas sobre determinados assuntos.

QQ – Qual é o seu personagem, roteirista e desenhista favoritos?

Reblin – A pergunta sobre meu personagem preferido é sempre uma questão complicada de se responder, porque oscila de tempo em tempo (*risos*). O que posso dizer é que a constante é o Capitão Marvel da DC Comics por causa de um aspecto: a magia. Eu sempre achei fascinante a ideia de uma criança poder ser um super-herói ao pronunciar uma palavra mágica. Como muitos, eu também murmurava baixinho o nome do mago esperando que um raio me transformasse num ser superpoderoso (às vezes, ainda faço isso). E, atualmente, essa narrativa continua a me fascinar, à medida que nós adentramos na mitologia do personagem. A ideia original, alterada na versão dos *Novos 52*, de que é justamente um menino que vive nas ruas – e mesmo a questão da relação entre as entidades mítico-religiosas, o mago e o menino e todo o processo de canalização do poder – possui um grande potencial criativo e reflexivo. Então, o

Capitão Marvel é o meu personagem preferido, embora não é exclusivo. Fui criado acompanhando as aventuras do Superman e de sua prima e nutro um carinho muito grande por esses personagens também. Em resumo: sou antes um decenauta que um fã da Marvel.

Como afirmei anteriormente, o segredo de toda boa narrativa reside na arte de saber contar uma boa história, textual e graficamente. E embora cada roteirista tenha seus momentos altos e baixos, posso dizer que meus roteiristas preferidos são Stan Lee, Brian Bendis e Geoff Johns. Mesmo não sendo leitor assíduo da Marvel – o que não significa que não curto os personagens – acho que as histórias do Stan Lee foram cruciais para que nós, leitores, encontrássemos um elemento fundamental nas narrativas: a humanidade e o vínculo com a realidade. E acho que Brian Bendis e Geoff Johns têm explorado esse aspecto em suas histórias; Brian Bendis, principalmente, na primeira fase do Homem-Aranha do *Universo Ultimate* e Geoff Johns na Liga da Justiça e no Aquaman dos *Novos 52*, além de outras clássicas como o retorno de Hal Jordan, por exemplo. Assim meu roteirista preferido, no momento, é Geoff Johns. Naturalmente, as histórias em quadrinhos atingiram hoje um grau de maturação que reflete na densidade e na complexidade das narrativas e no desenvolvimento das mitologias. Os leitores acompanharam esse processo de maturação e eles estão cada vez mais criteriosos. Isso exige mais dos contadores de histórias.

Quanto aos desenhistas, sou nacionalista: Adriana Mello, com seu traço generoso, e Ivan Reis, com sua precisão, disputam o topo de minhas preferências. Também admiro a suavidade com que Renato Guedes delinea suas imagens. Para mim, os quadrinhos são uma arte visual e o primor do traçado é fundamental na narração de uma história.

QQ – Qual a sua adaptação de HQ favorita? E a que você detestou?

Reblin – Considerando as adaptações de quadrinhos para cinema a partir de 1978 com a estreia de Superman de Christopher Reeve até o presente (Vingadores/O Espetacular Homem Aranha e O Cavaleiro



das Trevas ressurgem), *Superman – O Filme* (1978) e *Spiderman 2* (2004) são, pessoalmente, as melhores. Toda adaptação é sempre uma adaptação; ou seja, é necessário considerar a mitologia do personagem e buscar traduzir para linguagens diferentes justamente aquilo que o faz ser quem ele é, isto é, sua marca indelével. E acho que tanto Sam quanto Donner conseguiram fazer isso em suas adaptações.

A pior de todas as adaptações de todos os tempos, pessoalmente, foi o filme da *Mulher-Gato* com Halle Berry porque subtraiu a essência da personagem, distorcendo ao absurdo a história da personagem e toda sua trajetória na mitologia do Homem-Morcego. *Mulher-Gato* ganha, inclusive, de outras produções mais fracas como *Elektra*, que também desvirtuou a essência da personagem ao transformá-la quase numa heroína até um tanto depressiva, deslocada, e das versões de Batman de Joel Schumacher; pois, mesmo que estas versões tenham se tornado uma comédia pastelão, sobretudo, *Batman & Robin*, ainda assim elas são fruto de um tempo e refletem uma das fases do personagem, mesmo que uma fase fraca, diga-se de passagem. Quem cresceu assistindo o seriado *Batman* da década de 1960 ou mesmo lendo as histórias em quadrinhos desse período – bem antes de Frank Miller “modernizar” o personagem – entende o que estou falando. E, quer queria, quer não, essa fase do personagem está no imaginário de muitos dos próprios fãs do personagem.

QQ – Em que momento os quadrinhos passaram a ser uma fonte de pesquisa para você?

Reblin – Os quadrinhos passaram a ser fonte de pesquisa precisamente no trabalho de conclusão de curso do bacharelado em teologia, cujo conteúdo foi parcialmente adaptado e publicado como artigo sob o título *Para o alto e avante! – mito, religiosidade e necessidade de transcendência na construção dos super-heróis*, e, posteriormente, com ligeiros acréscimos, integralmente publicado

como primeiro e último capítulos do meu livro *Para o alto e avante: uma análise do universo criativo dos super-heróis* (Porto Alegre: Asterisco, 2008). Dali por diante, os quadrinhos se tornaram não apenas diversão, mas uma coisa séria também, com uma fonte riquíssima para compreendermos como estruturamos nosso universo simbólico. Na verdade, eu sempre nutri um interesse pelas produções artístico-culturais do nosso tempo condensados por aquilo que temos chamado de “indústria cultural”. Somos constituídos por uma justaposição transitiva de histórias e entender como essas histórias – particularmente, nos quadrinhos – apresentam nosso universo simbólico e de como elas moldam de certa forma nossos comportamentos e pensamentos tem sido meu ponto de interesse acadêmico. Quando descobri que poderia conciliar meu interesse pelos quadrinhos e minha vida de pesquisador, um novo mundo emergiu.

QQ – Como você avalia a pesquisa acadêmica sobre quadrinhos no Brasil?

Reblin – A pesquisa acadêmica sobre quadrinhos tem caminhado rumo a um grau de maturação. Como ilustrou o jornalista Paulo Ramos em uma de suas publicações recentes², na Universidade de São Paulo (USP), por exemplo, somente na primeira década deste novo século, o número de pesquisas de pós-graduação relacionadas aos quadrinhos foi o dobro de toda a produção do século anterior. Isso reflete, por um lado, o aumento do número de projetos de pesquisa aceitos nas academias e, por outro, e conseqüentemente, o aumento do interesse por estudos relacionados à cultura popular, sobretudo, às obras provenientes da chamada “indústria cultural” e a diminuição do preconceito relacionado a um conceito aristocrático de cultura, predominante e largamente difundido até a metade do

² No livro *Revolução do Gibi: a nova cara dos quadrinhos no Brasil*. Cf. RAMOS, Paulo. *Revolução do Gibi: a nova cara dos quadrinhos no Brasil*. São Paulo: Devir, 2012. p. 7-9.



século passado. O início de eventos acadêmicos (congressos, seminários) relacionados aos quadrinhos também é um exemplo disso. Ano passado, em 2011, a USP sediou as *1as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos*, evento que terá sua segunda edição no próximo ano (2013); grupos de pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) promoveram junto com a *Super-Com*, na UFPE, o *I Encontro Nacional de Estudos sobre Quadrinhos e Cultura Pop*, evento que teve já uma segunda edição esse ano; e a Associação Leopoldinense de Letras e Artes em parceria com o Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) campus Leopoldina realizaram no início deste ano o *I Fórum Nacional de Pesquisadores em Arte Sequencial*. O aumento desses eventos e o sucesso destes é um reflexo da importância que o estudo de quadrinhos está alcançando na academia (públicas e privadas) do país. É interessante notar também que a pesquisa acadêmica sobre quadrinhos no Brasil possui uma característica interdisciplinar e pode abranger as mais diversas áreas do conhecimento, desde humanas às artes, passando pelas ciências sociais aplicadas. Em resumo: o aquecimento do mercado de quadrinhos no decorrer dessa primeira década, a tradução das narrativas típicas dos quadrinhos a outras linguagens (transposição dos super-heróis para o cinema, por exemplo) tem possibilitado o desenvolvimento da pesquisa acadêmica sobre quadrinhos, à medida que coloca em discussão a mídia e suas narrativas. A avaliação realizada pelo prof. Waldomiro Vergueiro no *I Fórum Nacional de Pesquisadores em Arte Sequencial* é um bom termômetro de onde se encontra a pesquisa acadêmica sobre quadrinhos no Brasil³. Vergueiro indica as ênfases mais desenvolvidas, como as pesquisas na área da comunicação, da linguagem, da história, da cultura e da sociedade, as aplicações práticas, sobretudo, na área da educação; e aponta as abordagens

³ Cf. VERGUEIRO, Waldomiro. Palestra. *I Fórum Nacional de Pesquisadores em Arte Sequencial*. 31 mar. 2012. Disponível em: <<http://youtu.be/-qYtQvNkAe4>>. Acesso em: 30 jan. 2013.

que necessitam ainda de mais atenção como a análise de conteúdo, estudos sobre a recepção dos quadrinhos junto ao público leitor, as questões atinentes à economia, etc. Ainda assim, a pesquisa sobre histórias em quadrinhos está dando seus primeiros passos no Brasil, ou ainda está na “superfície”, como percebe Vergueiro, a caminho de atingir níveis de profundidade. Em todo o caso, é bastante promissor. O estudo e a pesquisa dos quadrinhos são fundamentais para percebermos, em diferentes aspectos, o tipo de sociedade em que vivemos e em que queremos viver.

QQ – Em seu artigo intitulado *Para o alto e avante! - mito, religiosidade e necessidade de transcendência na construção dos super-heróis*, você traz à tona a importância do arquétipo do herói. Para você, o quão os super-heróis e a sua simbologia são importantes para a sociedade atual?

Reblin – De uma maneira bem geral, posso dizer que os super-heróis possuem na verdade prós e contras. Como já afirmei em outra conversa [com o jornalista Micael Vier Behs, na quarta conversa] os super-heróis são uma paródia de nós mesmos, de quem nós fomos; de quem nós somos; de quem nós sonhamos ser; de quem nós podemos vir a ser. E, por um lado, é realmente interessante que os super-heróis, como afirmaram Jeph Loeb e Tom Morris, são aqueles que buscam fazer sempre “a coisa certa”, atuam, de certa forma, como exemplos morais. Então, os super-heróis e suas simbologias se tornam importantes à medida que promovem e estimulam ações altruístas em favor do próximo, sem esperar algo em troca e mesmo em favor do inimigo, como ilustram as histórias dos X-Men e do Homem-Aranha, por exemplo. A premissa de que os super-heróis não matam (ao menos, não matavam até o início do século XXI) e que estão dispostos a se sacrificarem em prol de um bem maior são valores cada vez mais urgentes e necessários numa sociedade cada vez menos tolerante ou sensível às diferenças e à pluralidade. Cada vez mais se mata por menos: uma briga de trânsito, um



desentendimento familiar. Isso não significa que você deva se fantasiar e dar uma de vigilante, caçando criminosos, mas sim que você tenha abertura ao outro diferente nas mais diferentes esferas: orientação sexual, crença, etnia, etc.; e que procure resgatar valores caros: o respeito à vida, o respeito à diferença e se dispor a ajudar os outros em suas dificuldades particulares. Por outro lado, também é bom ter em mente que os super-heróis possuem um caráter perigoso à medida que não questionam as estruturas e as relações sociais, atuando simplesmente como mantenedores da ordem e do sistema tal como é. Há raríssimas histórias que pautam questões relativas ao problema da desigualdade social e a outros problemas estruturais concernentes à vida social. E ainda assim é necessária uma leitura desconfiada. Em outras palavras: super-heróis são bons mantenedores do *status quo*. Como lembrou Umberto Eco, em seu *Super-Homem de Massa*, os personagens de romance de folhetim (o que inclui os personagens das histórias em quadrinhos) integram um *mecanismo consolatório* para garantir o bom funcionamento da sociedade, mascarando contradições. Em resumo: há um emaranhado complexo constituído de ideologias, interesses (de mercado, coletivos e particulares), aspirações e valores, estilo narrativo que moldam os personagens das narrativas contemporâneas. Isso não significa que se deva ignorar ou desprezar essas narrativas, mas sim lê-las e observá-las dentro das vicissitudes e ambiguidades que as constituem. À medida que os super-heróis estimularem (e continuarem estimulando) sua audiência a ser tolerante, altruísta e aberta às diferenças que colorem nosso universo, eles continuam sendo um referencial secular importante.





Os personagens ilustrados nesta imagem são de propriedade da Marvel Comics.
© Marvel Comics, inc. Todos os direitos Reservados.

◇ Sexta Conversa

Entrevista de consultoria realizada por Carlos André Moreira* para sua matéria em comemoração aos 90 anos de Stan Lee, publicada no jornal *Zero Hora*, no dia 28 de dezembro de 2012.**



1) Em sua opinião, o que representou o trabalho de Stan Lee na Marvel, e como ele renovou o gênero de super-heróis?

Luri Andréas Reblin – Stan Lee é um dos principais responsáveis pela Marvel ser o que é hoje, sobretudo, pelo capital simbólico e cultural que ele consolidou, calcado nos super-heróis. Os super-heróis se tornaram senso comum, impregnaram-se no cotidiano, constituíram uma mitologia contemporânea, tornaram-se, por assim dizer, uma espécie de patrimônio artístico da humanidade. Todo mundo sabe o que é um super-herói e isso, em grande parte, graças à visão criativa do Stan Lee. E pode se dizer que a Marvel se tornou um grande conglomerado (com editora, estúdio de cinema) por causa do Stan Lee que soube reinventar um gênero – a superaventura – após a crise da década de 1950. E ele fez isso do jeito mais singelo possível: percebendo o contexto e ouvindo a audiência, que ansiava por

* REBLIN, Luri Andréas. *Re: Stan Lee*. [mensagem pessoal]. Mensagem enviada por <reblin_jar@yahoo.com.br> em 21 dez. 2012.

** MOREIRA, Carlos André. O Espetacular Stan Lee. *Zero Hora*, Porto Alegre, 28 dez. 2012. p.1-3. Segundo Caderno. Disponível também em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/segundo-caderno/noticia/2012/12/o-super-heroi-dos-quadrinhos-stan-lee-completa-90-anos-nesta-sexta-feira-3993990.html>>. Acesso em: 30 jan. 2013.

referenciais palpáveis próximos à sua realidade. E como ele fez isso? Popularizando os super-heróis e humanizando esses personagens icônicos ao colocá-los em problemas e situações que todos nós passamos: a briga com a namorada, a falta de grana no fim do mês, os conflitos familiares e assim por diante. Assim, ao passo que Superman se ocupava com Darkseid, Peter Parker se preocupava com o ataque do coração que a Tia May pudesse ter se soubesse que ele era o Homem-Aranha. Nesse exemplo, você já percebe quem é o protagonista da história, ou melhor, quem é o verdadeiro alterego do personagem: o herói ou sua identidade civil? Isto é, Stan Lee ampliou e transcendeu a concepção corrente de que o super-herói só é super-herói por causa de uma missão heroica de combater um mal apocalíptico. Nas narrativas de Stan Lee, os desafios não são apenas catástrofes globais ou universais, mas partem da premissa humana mais básica: as relações interpessoais, a saúde, a própria sobrevivência humana a partir de uma perspectiva muito concreta. E essa é a grande sacada dele, porque há a possibilidade de uma identificação enorme com os personagens. Então, por um lado, a Marvel é o que é por causa dessa percepção artística do Stan Lee e, por outro lado, por causa do tino comercial do mago dos quadrinhos. Foi ele quem começou com essa história de distribuir brindes junto com as revistas, de criar essa cultura de consumo em torno dos personagens, de buscar cativar o público e mantê-lo fiel.¹ Foi também sua insistência e paixão pelos personagens que criou que os conduziu à televisão. Enfim, Stan Lee criou um novo universo para os super-heróis e este, como todo universo, continua em expansão.

¹ Cf. GUEDES, Roberto. *Stan Lee: o reinventor dos super-heróis*. São Paulo: Kalaco, 2012. Roberto Guedes traz um retrospecto bibliográfico interessantíssimo e bem lapidado do mago dos quadrinhos.



2) Muitos comentaristas já ressaltaram que Stan Lee conseguiu trazer para os seus personagens de quadrinhos uma noção de humanidade e até de continuidade, de cronologia de uma vida que se desenvolvia no tempo. O senhor concorda?

Reblin – De fato, um dos grandes feitos do Stan Lee ao reinventar os super-heróis foi humanizar seus personagens e dar-lhes uma continuidade. Esses dois elementos são cruciais como aspectos de identificação com os personagens. Eles envelhecem e possuem uma história assim como nós. E é o fato de possuir uma história e uma bagagem cultural que tornou também esses personagens mais complexos. Claro que a continuidade também tem seus desafios, pois, após tantas histórias se torna cada vez mais difícil aos artistas colocarem os super-heróis à prova e surpreender a audiência de maneira original.

3) Muitos dizem que o estilo narrativo de Stan Lee hoje se tornou datado, muitas vezes tido como palavroso e prolixo – principalmente em uma época que tende a fazer de seus heróis figuras mais sombrias. Isso explicaria a pouca ressonância de sua reinvenção da Liga da Justiça para a DC no início dos anos 2000? Qual é o legado de Lee para os quadrinhos contemporâneos?

Reblin – O grande problema desta malfada reinvenção da Liga da Justiça que Stan Lee empreendeu no início dos anos 2000 se deve, em minha opinião, ao seguinte: em primeiro lugar, o propósito era simplesmente dizer como alguns personagens icônicos da DC seriam na visão do Stan Lee. Isto é, não era uma coisa séria que afetasse a mitologia desses personagens – nem teria sentido também se fosse – mas uma simples estratégia de marketing que não funcionou. Isso é, todo mundo sabia que a intenção de fundo era arrecadar capital a partir da curiosidade dos leitores. Só que eles não estavam interessados ou tão interessados assim. Primeiro, porque o fã da DC é diferente do fã da Marvel. É como falar de Grêmio e Inter. Colorado não quer saber qual a visão do presidente do Grêmio para

o Internacional e vice-versa. Quem cresceu lendo as histórias do Superman, da Mulher-Maravilha, do Lanterna Verde está ciente da trajetória, das origens e das características de cada personagem. E se você propõe desconstruir essa mitologia ou transvesti-la com outras roupagens, ela deixa de ser o que é e perde o sentido. Daí, o que acontece não interessa nem para os fãs da DC, porque não reconheceram seus personagens nessas histórias, nem para os fãs da Marvel, que não vão encontrar seus personagens preferidos naquelas histórias. Há uma espécie de devoção ou admiração que os fãs nutrem pelos personagens, mas, para tanto, precisa haver um elo entre os fãs e os personagens que é construído paulatinamente. Em segundo lugar, naquela época, quase 40 anos depois da criação do Universo Marvel, todas as outras empresas acabaram incorporando receitas de sucesso criadas por Stan Lee. Aos poucos, Superman estava enfrentando problemas de relacionamento com Lois Lane – naturalmente, numa proporção muito mais superficial que nos quadrinhos da Marvel – mas já estava lá. Ou seja, não havia algo de excepcional que pudesse ser encontrado naquela reinvenção da Liga sob a visão do Stan Lee.

Todo estilo narrativo e todo gênero narrativo evoluem e respondem ao contexto no qual são produzidos. As histórias em quadrinhos – e aqui me refiro particularmente às histórias de super-heróis – se tornaram bem mais complexas. Isso é possível perceber não apenas a partir do aprimoramento das tecnologias de produção, mas também pela sofisticação do traçado e da construção das histórias. Cada vez mais sofisticamos nosso jeito de contar histórias. E, de fato, hoje os super-heróis estão mais sombrios e a maioria já possui inclusive licença para matar. Mas isso se deve em grande parte ao contexto pós-11 de Setembro que vive os Estados Unidos. Isto é, o conceito de heroísmo está sendo paulatinamente remodelado. Agora, pensando em Stan Lee, é possível sim falar que "a Era Stan Lee" teve sua datação se nos referirmos diretamente ao tempo em que o mago dos quadrinhos trabalhou diretamente na criação e na roteirização de histórias. Nesse sentido, é um estilo que tem data e



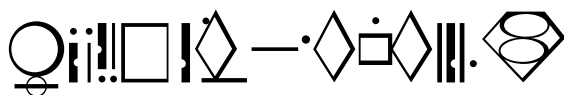
que corresponde a um período particular das histórias em quadrinhos, atrelado, por sua vez, a um contexto específico. Naturalmente, mudando o contexto, a dinâmica narrativa tende a se alterar para corresponder ao novo contexto. Agora, isso não significa que as características gerais da "Era Stan Lee" estão encerradas no contexto daquele período específico. E esse é o legado de Lee para os quadrinhos contemporâneos, porque aqueles que estão hoje produzindo as histórias cresceram lendo as histórias de Stan Lee. Houve um processo de antropofagia no estilo da fala inicial de Marlon Brando em "*Superman - O Filme*", de "uma vida vivida no corpo do outro". O que Stan Lee criou foi incorporado tanto na narratividade quanto na produção mais técnica. Prova disso são as histórias de Geoff Johns, Brian Bendis e tantos outros que buscaram transformar mesmo os personagens mais divinos em humanos. E a continuidade também é premissa de toda história em quadrinhos de super-herói hoje.

4) Dado o sucesso das atuais franquias da Marvel, muitas delas protagonizadas por personagens de Stan Lee, é possível dizer que hoje boa parte da indústria de entretenimento e da cultura pop se apóia no trabalho de Stan Lee?

Reblin – Particularmente, acho que não dá para afirmar isso. Sem dúvida, Stan Lee teve uma contribuição enorme na reinvenção de um gênero, na criação de um novo universo de personagens, na maneira de lidar com a audiência e atrair um público-consumidor, mas, ainda assim, sua contribuição estava direcionada dentro do contexto editorial. Naturalmente, ele viu os super-heróis como mais que um produto cultural, como algo atinente aos desejos humanos de se superar, de transcender e de compartilhar valores morais, éticos e religiosos que são caros para uma sociedade. E isso fez dos super-heróis também o que eles são hoje enquanto "máquinas de dinheiro", porque o super-herói é simultaneamente um produto comercial e um bem simbólico-cultural. Acho que a indústria do



entretenimento como um todo acompanhou essa mesma tendência mercadológica de saber explorar o produto. Stan Lee fez isso nos quadrinhos, mas acho presunçoso afirmar que a ação dele repercutiu em outros setores como o cinema, a televisão. Prefiro considerar que é um movimento simultâneo em todos os setores da indústria do entretenimento que foi aprendendo junto como fazer dinheiro.





Os personagens ilustrados são criações de: Alex Genaro (Walkiria); Rubem Biáfora (Capitão 7); Wilson Fernandes (Escorpião); Gedeone Malagola (Raio Negro); Emir Ribeiro (Velta); Pedro Anísio e Eduardo Baron (Judoca) e Gedeone Malagola (Homem Lua). Todos os direitos reservados.

8 Sétima Conversa

Entrevista de consultoria realizada por Marcelo Rafael* para sua matéria publicada no site *SaraivaConteúdo*, no dia 15 de março de 2013.**



1) Recentemente Marvel e DC deram maior destaque a personagens nascidos no Brasil: Lara dos Santos entrou, em novembro, para os *X-Men*, e, quase um ano antes, a velha heroína Fogo foi incluída na nova Liga da Justiça Internacional (sob o novo Universo DC, *Os Novos 52*) com a alegação de que nosso país tem ganhado destaque no cenário internacional. Décadas atrás, tínhamos personagens como Roberto DaCosta, o Mancha Solar, e a própria Fogo, Beatriz Bonilla, com sobrenomes bem incomuns para um brasileiro e, muitas vezes, com *backgrounds* estereotipados, bem ao contrário do nome da nova *X-Men* ou a justificativa para o ingresso de Fogo na LJI atual. A que você atribuiu essa mudança, ainda que leve na representação dos personagens brasileiros? À maior informação disponível sobre o país? À maior importância político-econômica? A uma tentativa de agradar o público "latino"? Ou você acredita que os estereótipos seguem?

* REBLIN, Iuri Andréas. *Re: Entrevista sobre super-heróis para o portal SaraivaConteúdo*. [mensagem pessoal]. Mensagem enviada por <reblin_iar@yahoo.com.br> em 03 mar. 2013.

** RAFAEL, Marcelo. O Brasil e os brasileiros nas terras dos super-heróis. *SaraivaConteúdo*. 15.03.2013. Disponível em: <<http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/50228>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

Iuri Andréas Reblin – Percebo a presença e a caracterização de super-heróis brasileiros criados pelas editoras estadunidenses dentro de um conjunto de fatores que se interconectam mutuamente. A notoriedade que o Brasil tem conquistado no cenário mundial não está necessariamente ou *diretamente* relacionada com a descrição mais acurada dos super-heróis gringos de origem brasileira. É verdade que os novos super-heróis brasileiros que surgiram no exterior possuem aspectos mais identificáveis com elementos próprios do Brasil, e, indiretamente, pode até ser que o zelo na criação de um personagem tenha ligação com o papel que o País tem assumido no cenário mundial, mas não é possível dizer que um fato se deve necessariamente ao outro. Explico: a China se tornou uma potência emergente quase na mesma época que o Brasil e tem alcançado igual, se não superior, notoriedade, tornando-se assunto político, econômico, cultural na imprensa mundial e brasileira. Essa notoriedade não me faria conhecer necessariamente o suficiente da cultura chinesa para criar um super-herói chinês, por exemplo, sem cair nos estereótipos comuns que possamos ter sobre os chineses, em decorrência de nossa falta de conhecimento do mundo asiático. Eu ainda correria o risco de confundir o chinês com o vietnamita, com o tailandês, com o japonês ou com o mianmarenses. E aí a pergunta: nós teríamos condições de criar um super-herói chinês sem cair no risco de confundir esses povos e essas culturas? Não sem pesquisar e estudar muito a respeito. Então, acho que a questão não reside tanto na notoriedade do país no cenário mundial, mas sim na seriedade do artista que cria o personagem. Aqui reside o diferencial a meu ver. Se o artista, roteirista ou desenhista, é sério, dedicado ou comprometido com o que faz, ele não vai criar algo vinculado à determinada cultura sem fazer um pouco de pesquisa. Isso não significa que ele irá escapar de todos os estereótipos, mas antes que suas histórias escritas ou desenhadas adquirirão mais riqueza de conteúdo. A questão da notoriedade do País entra em pauta no seguinte sentido: em primeiro lugar, os quadrinhos refletirão o que



está acontecendo no cenário mundial, ora com mais precisão, ora menos, dependente da intencionalidade da narrativa, do tipo: “se todos estão falando, vamos falar também”. Isso concede aos quadrinhos um caráter atual, contextualizado. O artista sério e comprometido com seu trabalho não irá colocar um personagem apenas porque está na moda ou porque pode ser exótico (e aí entra a questão do estereótipo do Brasil como um País tropical que tem selva, bichos, Rio de Janeiro, indígenas, futebol e samba), mas vai pensar nisso na perspectiva do “não posso colocar qualquer coisa”. A notoriedade influencia então nesse sentido: se décadas atrás simplesmente se pressupunha de que tudo o que residia ao sul da fronteira dos Estados Unidos era uma mesma cultura latina, o que se percebia nos escritos castelhanos nos gibis especiais do Batman e do Wolverine, por exemplo, que já vieram ao Brasil em suas histórias, a notoriedade e aqui também o acesso e o excesso de informações hoje evitam essa pressuposição. Ainda assim, quer queira, quer não, a visão que o artista terá do País está condicionada ao que ele consegue pesquisar em termos de fontes, o acesso às informações, o que, em grande parte, está por sua vez condicionado ao que a imprensa internacional escreve do Brasil. Em outras palavras, o conteúdo sempre vai ser filtrado na perspectiva do ditado popular de que “todo ponto de vista é a vista de determinado ponto”.

Nessa direção, outro fator que precisa ser considerado ainda são as políticas editoriais nesse processo e, claro, a presença de brasileiros nessas grandes editoras. Há de se considerar que o Brasil também é um mercado consumidor das editoras americanas, um dos maiores, então, há também um interesse político da editora em retratar adequadamente representações de outros países, não que a representação malfeita afetaria as vendas, mesmo porque os super-heróis já fazem parte do imaginário brasileiro, mas a própria editora seria vista como uma editora responsável ou comprometida, isto é, a editora ganharia uns pontinhos a mais junto ao público brasileiro. Por fim, há a questão da presença de artistas brasileiros nessas editoras, o que pode aprimorar a descrição de personagens gringos

de origem brasileira. Não sei precisar como Jason Aaron e Steven Sanders chegaram à versão final da Shark-Girl, à concepção final da personagem ou o tipo de pesquisa que realizaram. Já a Ya'Wara, personagem brasileira que surgiu nas páginas de Aquaman dos Novos 52, por exemplo, foi concebida por Geoff Johns e Ivan Reis, com inúmeros referenciais Tupis-Guaranis. Nesse sentido, o conhecimento *in loco* pode contribuir muito para enriquecer a história do personagem.

Assim, em resumo: não é possível fugir dos estereótipos; o que faz uma representação caprichada de um país, de uma cultura, não é tanto a notoriedade destes no cenário político-econômico mundial ou o excesso e acesso a informações (embora a Era da Internet tenha facilitado muito o acesso a informações), mas a seriedade e o comprometimento do artista com a história que quer contar e a pesquisa; a dinâmica entre contextualização, mercado consumidor, estratégias de venda e de atrair a audiência também influenciam no processo de constituição de histórias e personagens; a presença de brasileiros e a liberdade criativa dentro da editora podem contribuir para uma representação rica em conteúdo.

2) O mesmo tipo de representação também ocorre com outros países latinos como Argentina ou México (na Marvel ou na DC)? Casamata, por exemplo, é um personagem novo dos Novos Titãs que se constitui tanto como um estereótipo homossexual como mexicano. Você concorda?

Reblin – É possível afirmar que todas as representações seguem atualmente os mesmos princípios que indiquei anteriormente e estão sujeitas aos mesmos riscos. O que implica ressaltar também a questão da intencionalidade da narrativa. Pode ser que o artista não tenha a intenção de fazer uma representação mais fidedigna, mas propositalmente caricaturesca. Pode ser que não seja crucial para a narrativa atribuir uma personalidade sólida a determinada personagem, então, tudo o que afirmei anteriormente também está



condicionado à intencionalidade do artista, da política editorial, etc. Afinal, você pode vir com uma ideia e o editor pode mandar você rever essa ideia. De qualquer forma, não há como escapar dos estereótipos, quer sejam eles mais caricaturescos, quer sejam eles mais limitados às informações que o artista possui ou consegue acessar. Aqui é importante atentar para o que Will Eisner¹ já indicou: o uso de estereótipos potencializa a veiculação da mensagem, sobretudo, no desenho. E os quadrinhos em geral se utilizam de imagens que são facilmente reconhecíveis: o herói forte e musculoso, o empresário vestido com um terno, a dona de casa vestida com avental. Estamos a todo o tempo assumindo papéis sociais que, por sua vez, possuem características genéricas que pressupõem certos comportamentos, o uso de determinada etiqueta, que assumem perfis estéticos, comportamentais, culturais, morais, etc. Isso não significa que uma narrativa precisa estar presa sempre aos estereótipos, podendo contestá-los. O Homem-Aranha da década de 1960, no traço de Steve Ditko foi exatamente isso. A questão se torna problemática quando o artista se limita simplesmente aos estereótipos e, principalmente, quando estes propagam preconceitos nocivos à vida social, sobretudo quando você atribui determinados papéis a grupos específicos. Um exemplo bem comum e lamentável no nosso país: retratar o bandido como um afrodescendente pobre, o que reforça um estereótipo impregnado na cultura e o preconceito. Nessa direção, se pensarmos na própria *Shark-Girl*, ela não deixa de carregar o estereótipo de que o Brasil é um país exótico, ao retratar a super-heroína como uma criatura monstruosa, por mais criativa que tenha sido a alusão com a cidade de Recife, os tubarões em Boa Viagem e Piedade e o nome da personagem, Iara dos Santos, com um dos

¹ EISNER, Will. EISNER, Will. *Narrativas gráficas: princípios e práticas da lenda dos quadrinhos*. 2. ed. rev. e amp. São Paulo: Devir, 2008. Cf. também: REBLIN, Iuri Andréas. *A Superaventura: da narratividade e sua expressividade à sua potencialidade teológica*. 2012. 257 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2012.

sobrenomes mais comuns no Brasil. Não estou dizendo que é ruim, mas sim reiterando que não há como fugir dos estereótipos ou de certos conceitos presentes em nosso imaginário coletivo. O que podemos e devemos sim fazer é escapar dos preconceitos, dos estereótipos nocivos que prejudicam grupos, classes e culturas.

A representação de Casamata, ou Bunker, como o herói é chamado lá fora, portanto, não deixa de ser uma representação estereotipada na perspectiva do que indiquei até aqui. A narrativa da série sugere que o personagem será uma espécie de alívio cômico da narrativa, posto até então ocupado por outros personagens como o Kid Flash. O personagem é um tanto caricaturesco, mas também há um cuidado na retratação: o nome Miguel José Barragan é um nome mexicano comum, o traje de herói lembra os utilizados pelos lutadores na “lucha libre” mexicana, a questão da religiosidade católica também está presente nas falas do personagem, o cabelo com gel é uma moda entre os adolescentes em geral; enfim, há também um cuidado na representação porque nem a editora e nem os artistas querem de alguma forma ferir seus leitores. Em outras palavras, tudo é cuidadosamente pensado numa narrativa. Nessa direção, nós também temos que ter o cuidado para não nos tornarmos legalistas e mergulharmos numa paranoia e criticarmos todas as produções artístico-culturais, porque, como salientei, não há como fugir de todos os estereótipos, os clichês narrativos, que emergem nas narrativas. Quanto à representação da homossexualidade nos quadrinhos, acredito que já tenha deixado de ser um problema de hostilidade representativa em relação à orientação sexual.² Eu identifico como um discurso amadurecido nas histórias em quadrinhos estadunidenses, desde *Apolo e Meia-Noite*,

² REBLIN, Iuri Andrés. Relacionamentos homoafetivos nos quadrinhos e seu lugar na discussão acerca do princípio de igualdade de direitos. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 3., 2012, Pelotas. *Anais do...* Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2012. Disponível em: <http://www.ufpel.tche.br/isp/ppgcs/eics/dvd/documentos/gts_IIeics/gt4/g4iure.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2013.



da Batwoman, do Estrela Polar e do Lanterna Verde Allan Scott, acho que há uma abordagem ponderada das relações homoafetivas. Representações esdrúxulas como do personagem *Extraño* da DC Comics são coisas do passado. E, nessa direção, penso que a representação de Casamata é uma representação equilibrada dentro na intencionalidade da narrativa. Há uma alegria e uma transparência na personalidade do super-herói que, acredito eu, irá cativar o leitor no desenvolvimento da série.

3) Há algum que você acredita que seja um personagem brasileiro bem construído (na Marvel, na DC ou em qualquer outra editora estrangeira)?

Reblin – Para ser bem construído, um personagem de outra nacionalidade precisa considerar um conjunto mínimo de aspectos culturais representativos daquele país que intenta representar. No caso da representação de super-heróis brasileiros, acho que um erro grotesco visível é a confusão de idioma, não tanto no nome do personagem, mas principalmente no seu emprego na narrativa. Além disso, há de se considerar que esses personagens, em geral, são sempre personagens secundários e eles não possuem uma presença muito forte no enredo principal, o que também compromete a representação e mesmo a necessidade de uma representação bem construída. Em minha opinião, portanto, acho que *Ya'Wara*, *Shark-Girl* e mesmo o Mancha Solar são bem elaborados. *Ya'Wara* e *Shark-Girl* tem elementos que remetem ao nosso país, além do cuidado com o nome e a linguagem. E a *Shark-Girl* se torna significativa porque indica uma trama que transcende o eixo comum São Paulo – Rio de Janeiro. E isso é muito importante, porque visibiliza outros contextos e aspectos culturais do nosso Brasil. Curiosamente tanto *Ya'Wara* quanto *Shark-Girl* possuem características que lembram, nem que remotamente, outra personagem de descendência brasileira, a Jaguar ou Maria de Guzman, que estreou uma revista solo na década de 1990, uma pelo

nome e outra pelo transmorfismo. Mancha Solar segue a mesma direção de *Ya'Wara* e *Shark-Girl*. Trata-se de um garoto afrodescendente, jogador de futebol na escola. O fato de ser proveniente de família rica, de pai empresário e mãe arqueóloga até auxilia a vencer ou a questionar nossos próprios preconceitos, de achar que num país de feições majoritariamente negras e indígenas apenas brancos são ou podem ser abastados. A própria ideia de poderes que absorvem energia solar para um garoto que nasce num país tropical não é inadequada. Já Fogo é uma personagem que já está consagrada no Universo DC, embora tenha tido uma história de origem menos relacionada à cultura brasileira, sobretudo a história *pré-crise*, Fogo ainda é representativa em outra perspectiva. Considerando que, após a *Crise nas Infinitas Terras*, a origem na personagem foi redefinida, Beatriz Bonilla da Costa foi concebida como uma modelo amadora nas praias do Rio de Janeiro, chegando a atuar como dançarina de boate antes de se tornar agente do Serviço Nacional de Informações, a história não deixa de ser menos criativa. Em primeiro lugar, porque algumas das modelos mais famosas no mundo são Brasileiras. Em segundo lugar, porque o Serviço Nacional de Informações realmente existiu, sendo criado no período da Ditadura Militar e sendo substituído pela Agência Brasileira de Inteligência apenas em 1999. Em termos estéticos, por mais que seja atípico uma “chama verde”, esta não deixa de ser menos curiosa, visto que o verde é uma cor alusiva ao país, às nossas matas. Todos esses personagens foram trabalhados dentro do contexto de criação, sendo que a questão da linguagem e do nome, no caso de Fogo e Mancha Solar foi apenas uma imprecisão e, embora menos comum, não estaria necessariamente “errado”.

4) Há algum que você considere muito mal construído?

Reblin – Conforme indiquei anteriormente, não acho que há um personagem mal construído, antes, mais estereotipado, o que pode ser um reflexo de como o Brasil é visto pelos outros, ou menos



explorado em termos narrativos. Nessa direção, mesmo que totalmente inexpressivo e irrelevante no Universo Marvel, acho que o Capitão Força (sim, escrito com “s”, ao invés de cedilha) pode ser considerado um dos personagens infames e lamentáveis em termos de referência ao nosso país.





Oitava Conversa

Entrevista exclusiva sobre o futuro da pesquisa de quadrinhos no Brasil, realizada por

Kathlen Luana de Oliveira



1) Analisando a sua trajetória de pesquisa, como você pode avaliar hoje os estudos sobre quadrinhos, ou do gênero da superaventura no Brasil? Como se tem desenvolvido as pesquisas em geral no Brasil, digo, como pesquisadores têm planejado e pensado em estruturar esse campo de pesquisa?

Iuri Andréas Reblin – A pesquisa e os estudos sobre quadrinhos no Brasil têm crescido significativamente, assim como a própria difusão dos quadrinhos em si. De uma década para cá, mais ou menos, cada vez mais se tem visto uma diversidade enorme de publicações em bancas e livrarias especializadas. Isto é, não foi apenas a pesquisa sobre quadrinhos que se desenvolveu, mas a própria arte adquiriu mais visibilidade na vida social cotidiana. Todo o entorno do mundo dos quadrinhos também começou a ganhar contornos mais nítidos: convenções, exposições, feiras sobre quadrinhos ou com espaço para quadrinhos se consolidaram como atrativos culturais para todas as faixas etárias. Então, é um movimento conjunto que está em expansão. A pesquisa em si também está crescendo. De 2010 para cá, houve diversos congressos envolvendo quadrinhos e cultura pop, os quais mencionei em outra ocasião [Quinta Conversa], além de uma infinidade de livros especializados no assunto. Só este ano, 2013, por exemplo, teremos as Segundas Jornadas Internacionais sobre Quadrinhos, na USP, o Festival Internacional de Quadrinhos (FIQ), em Belo Horizonte e o 1º Entre ASPAS, o Encontro Nacional da

Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial. Este último é curiosamente importante pelo seguinte: *está se constituindo* no Brasil, neste primeiro semestre de 2013, uma Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial, fomentada e gestada a partir de conversas e necessidades evocadas no bojo do 1º Fórum Nacional de Pesquisadores em Arte Sequencial, ocorrido na cidade de Leopoldina, Minas Gerais, em março de 2012. Esse movimento reflete como pesquisadores têm pensado em organizar o campo de estudos sobre quadrinhos no Brasil. Nessa direção, a constituição de da ASPAS torna-se fundamental para a consolidação do campo de estudos sobre quadrinhos. Aliás, não apenas quadrinhos, mas a arte sequencial como um todo: cinema, animações e outras produções da *cultura pop* correlacionadas, etc. E um dos grandes feitos da ASPAS é justamente o fato de que a reunião de pesquisadores se dá pelo objeto e não pela área, isto é, trata-se de uma associação de natureza interdisciplinar, preocupada com a arte sequencial a partir de diferentes perspectivas. E essa postura interdisciplinar é fundamental para o mundo que vivemos hoje. Há, pois, muita coisa acontecendo nessa direção atualmente.

2) Acerca desse campo de estudo, é possível dizer que um dos grandes paradigmas de gênero, de estética e mesmo de narrativa provém dos Estados Unidos. Como você avalia as criações brasileiras? Refiro-me também ao que você escreveu no terceiro capítulo de *Para o Alto e Avante* (2008) acerca do processo de inculturação. Você ainda percebe nesse momento e nessas produções um processo de inculturação ou não?

Reblin – A produção brasileira é muito diversificada, ampla e crítica. Há muita produção de qualidade que traz uma visão crítica da realidade. Na verdade, essa é uma pergunta difícil de responder, porque é difícil ter um vislumbre nítido da produção brasileira no seguinte sentido: existe uma produção significativa, em grande parte, independente. São produções autorais esforçadas que podem



tanto contestar quanto assimilar o mundo em que vivemos. Poucas chegam a alcançar um reconhecimento nacional, porque o mercado ainda não está preparado. Não que não haja compradores, ao contrário, não há ainda uma estrutura satisfatória que possibilite o escoamento e a difusão de toda produção que é gestada. Claro, existe também muita produção independente, *fanzines* que não são aprovados pelos conselhos editoriais, ora porque o material não está maduro o suficiente, ora porque não correspondeu aos interesses da editora, mas também existe muita produção que está agora conquistando o mercado. Então, como ressaltai anteriormente, é um universo em expansão. O número de editoras que publicam quadrinhos ou assuntos relacionados a quadrinhos cresceu. O governo federal tem investido em quadrinhos tanto na sua presença em bibliotecas escolares, quanto como veículo para campanhas diversas. A insistência e a perseverança do Troféu HQMix, por exemplo, de reconhecer publicamente produções significativas tem contribuído tanto para que uma nova visão sobre os quadrinhos se consolidasse quanto para a abertura do mercado.

Agora, sobre a questão dos paradigmas estéticos, de gênero e outros provirem dos Estados Unidos, o processo de inculturação e como as produções brasileiras se situam nesses elementos, por um lado, os paradigmas foram forjados originalmente nos Estados Unidos. As histórias em quadrinhos se consolidaram como produção artística, como estilo narrativo nos Estados Unidos. Isso não significa que as obras estão presas a um modelo pré-definido. Como toda obra de arte, ela pode transcender a si mesma, reinventar-se, embora ostente elementos mínimos que ainda tornem possível identificar a arte enquanto participante de determinado grupo. Se você comparar os gibis da Era de Ouro com a ascensão das *graphic novels* ou mesmo o estilo do atual gibi da *Batwoman*, você verá não apenas um aperfeiçoamento tecnológico, mas uma mudança de estilo e da maneira de se contar uma história. Claro, pode-se questionar com que liberdade ou intensidade isso acontece ou em que medida essa alteração pode ser entendida como essa habilidade

de se reinventar atinente a toda arte. E também se pode questionar em que medida a indústria do entretenimento, aqui, as editoras de quadrinhos, dá margem para essa transposição e esse processo criativo. Talvez, um dos grandes desafios seja mesmo este: driblar o processo industrial, burocrático e mercantil que permeia as histórias em quadrinhos (pensando aqui nas grandes produções) e dar abertura para a criatividade no processo criativo. Esse não é apenas o desafio das histórias em quadrinhos, mas de toda arte que emerge na cultura pop.

Agora o processo de inculturação é perceptível na cultura brasileira sim, afinal, importamos uma gama enorme de produções culturais dos Estados Unidos. Músicas, filmes, seriados de televisão e uma série de quinquilharias que associam magistralmente o comércio a bens culturais são assimilados e reproduzidos no Brasil. Em que medida, entretanto, esse processo é simplesmente passivo e em que medida há contestação ou reinterpretção ou uma bricolagem a partir dos interesses do consumidor, como apontou Michel de Certeau,¹ é algo que merece um estudo aprofundado.

Referindo-se aos quadrinhos, especificamente, é difícil dizer como isso se dá. Se observarmos as bancas de revistas, veremos, na verdade, uma massiva produção importada, ao lado de uma série nacional famosa: a Turma da Mônica. A parte das revistas do Maurício de Sousa e sem avaliar como a Turma da Mônica aborda temas ou reproduz ou adapta elementos da cultura importada ou reflete nossa própria cultura (e aqui poderíamos perguntar também o que é ou seria uma cultura genuinamente brasileira, ou mesmo se existe uma cultura genuinamente brasileira) não temos um gibi de impacto nacional, além da Turma da Mônica, não na mesma proporção, ao menos. O olhar se restringe, nessa direção, às produções independentes e, aí, podemos encontrar as mais diferentes criações artísticas. Agora, pensando nos super-heróis, que

¹ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de Fazer. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.



é o meu foco no terceiro capítulo de *Para o Alto e Avante*, por um lado, o processo de inculturação é nítido, porque o gênero em si é uma criação americana. E, aí, criações regionais – ou nacionais – se tornam um desafio nessa direção, porque nós não temos o super-herói como ícone nacional. A ideia em si já é importada. E a ideia reflete um ícone que quer manter a lei e a ordem e garantir o status quo, que reflete o ideal neoliberal do progresso e do sucesso financeiro atrelado a uma moral religiosa secularizada. Isso não significa que o ícone americano não seja um sucesso no Brasil, mas atenta para o desafio de um super-herói nacional dar certo. Acho que um dos exemplos nessa direção, mais visíveis e perenes, embora não ostente uma produção seriada, é a Volta do Emir Ribeiro. O Gralha e o Cometa também são personagens a serem considerados nessa direção, embora todos estejam longe de criar uma febre e uma difusão como Superman, Batman e Homem-Aranha fazem, não que tenham que fazê-lo também. Em todo o caso, não há um mercado tanto produtor quanto consumidor que promova isso.

Por outro lado, entretanto, não se trata de se prender às origens da superaventura, porque um gênero e uma obra de arte possuem sempre a habilidade de transcenderem seu contexto. Assim, não importa se o super-herói surgiu nos Estados Unidos, mas sim o que esse gênero – a superaventura – e as histórias produzidas estão contando, isto é, trata-se de ver o que essa arte está expressando em cada contexto, importa olhar para essas histórias e ver como cada sociedade busca responder a sua busca ou ânsia por liberdade. Nessa direção, um super-herói brasileiro tendencialmente será diferente do super-herói estadunidense. Vale ressaltar que os brasileiros sempre foram reconhecidos por sua capacidade de antropofagia, como já sugeria Mário de Andrade, isto é, essa capacidade de adaptar qualquer coisa ao seu contexto, como a ideia do X-Burger que não se refere ao *Cheeseburger* em si, isto é, nem todo X-Burger tem queijo por aqui, ou seja, nós pegamos a ideia e tiramos dela sua característica original. Assim, se observarmos

algumas histórias de super-heróis brasileiros, por exemplo, nem todos terão um inimigo externo ou alguém tentando dominar o mundo, porque não temos essa concepção tal como nos Estados Unidos de que há um mal exterior a ser combatido, por exemplo. Então, é nessa perspectiva que devemos observar essas histórias. O que estou querendo dizer é que nunca podemos subestimar uma expressão de arte, uma expressão cultural.

Ao fim, acho singular a leitura de Valério Guilherme Schaper, em sua exposição no Encontro Nacional de Estudos sobre Quadrinhos e Cultura Pop, publicada posteriormente nos anais do evento, que vai falar sobre o heroísmo brasileiro, resgatando elementos do herói pícaro, de personagens desconcertantes como Macunaíma, Chapolin Colorado, indicando possibilidades de superação do mimetismo cultural e o encontro de uma dicção própria. Segundo Schaper, “é preciso compreender a diferença cultural entre a sociedade norte-americana e a brasileira, pois o gênero do super-heroísmo pode, a princípio, ser traduzido em qualquer ambiente”.²

3) A delimitação religiosa nas suas pesquisas é algo muito próprio dos seus estudos. Como você poderia resumir o modo como a compreensão de religião é percebida nos seus estudos? Como, para você, se dá a relação de arte, religião e cultura nas histórias dos super-heróis?

Reblin – É necessário ir além da comparação ou da simples identificação de elementos religiosos. Procuro compreender a religião nas histórias em quadrinhos a partir da narrativa, da história que os quadrinhos contam e a forma como contam. Este é, na minha

² SCHAPER, Valério Guilherme. É lábil o heroísmo da América Latina? Macunaíma, Shazan & Sherife, Chapolin Colorado. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE QUADRINHOS E CULTURA POP, Recife, 1., 2011. *Anais do...* Recife: UFPE, 2011. p. 683-698. p. 685. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/85388278/2011-Anais-EncontroHQ>>. Acesso em: 02 fev. 2013.



perspectiva, uma das melhores maneiras possíveis de você realmente acessar o sentido de religião que reside nas histórias em quadrinhos: ler nas entrelinhas do discurso. Ao buscar o que reside nas entrelinhas, você tem acesso à teologia do cotidiano, isto é, como o discurso religioso e o discurso teológico são articulados nas histórias a partir do sujeito que as conta e não um discurso pronto, um saber acadêmico ou eclesiástico. Arte, religião e cultura se imbricam e se imiscuem no ato de contar histórias. E as histórias expressam justamente essa amálgama de concepções, crenças, visões de mundo, valores que integram as tessituras da vida social cotidiana. Eu vejo a análise das histórias em quadrinhos a partir de uma abordagem hermenêutica.

4) Você insiste que há traços de hegemonia cultural, religiosa. Em alguns casos, também indica que é o contrário, de que as histórias em quadrinhos também podem exercer a função de criticar os discursos hegemônicos. Como você percebe essas disputas e esses embates? Você acha que existe esse embate hegemonia *versus* contra-hegemonia nas histórias em quadrinhos? E, se esses gibis, essas histórias de resistência têm o mesmo espaço e o mesmo consumo que as histórias mais hegemônicas?

Reblin – Existe um componente político nas histórias em quadrinhos. Existe também um componente ideológico, isto é, não apenas axiológico, mas ideológico. Existe um componente que não permite questionar a realidade, relacionado ao caráter sedutor de certas narrativas. Nessa direção, a pergunta sobre se existe espaço para quadrinhos críticos, a resposta é “existe, sim”. Entretanto, não da mesma forma que para os quadrinhos hegemônicos, porque esses quadrinhos críticos não são consumidos da mesma forma. Tendencialmente os quadrinhos produzidos “massivamente” querem entreter e, ao fazê-lo, tendem a reforçar os valores hegemônicos. Isto é, a maioria das produções não tem a pretensão de ser crítica, contestadora, mas simplesmente divertir. Existe

espaço para quadrinhos contra-hegemônicos sim. E, pensando na superaventura, contra-hegemônico é você ter um super-herói chamado “Ninguém”, o caboclo ancestral guerreiro criado por Augusto Matto, um super-herói chamado Chapolin Colorado, por exemplo. E o desafio das pesquisas sobre quadrinhos reside em achar um equilíbrio entre as partes: por um lado, enxergar a cultura pop numa direção que ela não pretende ser vista, isto é, criticamente. E, por outro lado, cuidar para não cair nas mesmas limitações que a cultura pop possui, sobretudo, um cuidado do pesquisador que é fã de quadrinhos e que possui, às vezes, uma dificuldade em enxergar criticamente as produções na área dos quadrinhos. O desafio é manter aquele equilíbrio entre os “apocalípticos” e os “integrados” do Umberto eco. E o desafio também é transcender os aspectos metodológicos e se ocupar com o que as histórias estão contando e mensurar o impacto disso.

5) Quais são agora suas perspectivas de continuidade da pesquisa? Quais são os aspectos que você considera necessários de ser investigados e aprofundados?

Reblin – Há inúmeras perspectivas para os estudos sobre quadrinhos no Brasil: sua possibilidade educativa, as produções governamentais de campanhas, as transposições de personagens e histórias a outras artes, como o cinema, por exemplo, etc. Particularmente, acho urgentes as leituras hermenêuticas, as análises de conteúdo, sobretudo, relacionando-as com o contexto do qual essas histórias emergem e também para o qual se destinam. Nessa direção, não apenas a análise de conteúdo torna-se crucial, como também o impacto social que os quadrinhos provocam, junto a um determinado público. Outra perspectiva ainda é falar sobre os quadrinhos nacionais para além da Turma da Mônica, afinal, é o reconhecimento que fornece a visibilidade e a consequente abertura do mercado ao produto. Por fim, acho importante escapar das generalizações, isto é, ir além do estudo de um gênero ou de um



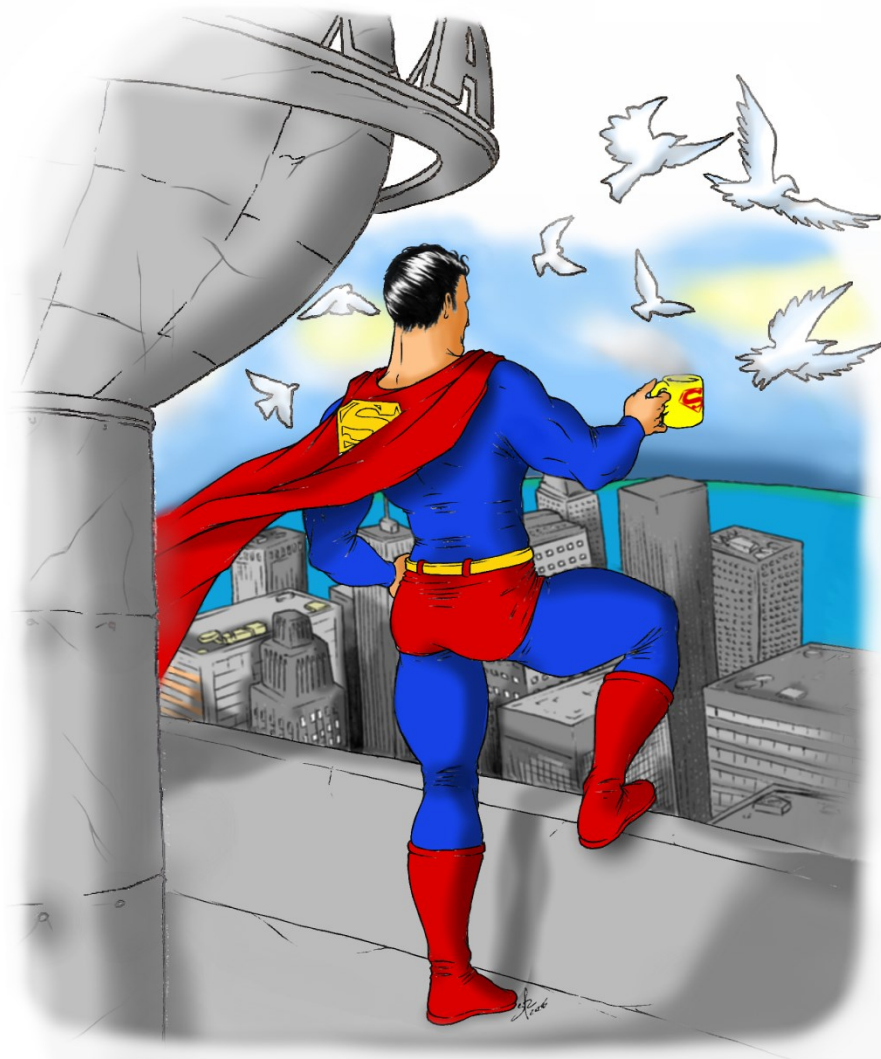
conjunto muito grande de histórias e se ocupar com uma história, uma saga, um personagem. Claro, não estou sugerindo aqui perder a noção do todo, mas alcançar profundidade de análise, ou seja, minha sugestão é não ficar na superficialidade, não ater-se em recontar as histórias das histórias em quadrinhos e não ocupar-se demasiadamente com as técnicas, os balões, etc. Isto é, quadrinhos, como o cinema, contam histórias e acho que nosso compromisso também é olhar com atenção às histórias que são contadas e quem as está lendo e de que modo, positivo e negativo, elas apresentam ou representam a maneira como pensamos e reestruturamos nosso universo de valores e de sentido. E, claro, sem esquecer-se de atentar para os quadrinhos que contestam as coisas como são. Essas seriam, em linhas gerais, as perspectivas que julgo importante e com as quais me ocuparei em minhas próximas pesquisas.



Legenda do Kryptonês



- !! = A
- !□ = B
- ∞ = C
- ! = D
- ⊕ = E
- ◇ = F
- ∞ = G
- ⊕ = H
- ∩ = I
- ∞ = J
- ⊕ = K
- = L
- ◇ = M
- ◇ = N
- ∞ = O
- ◇ = P
- = Q
- ◇ = R
- ◇ = S
- T = T
- ii = U
- ⊖ = V
- ∞ = W
- = X
- ∞ = Y
- ∩ = Z





É difícil dizer com precisão o que o super-herói é. Ele se aproxima de uma concepção divina? Sim. Ele transcende a condição humana? Sim. Ele apresenta fraquezas e problemas que também afligem o ser humano? Sim. Na verdade, ele pode ser (e na maioria das vezes é) tudo isso ao mesmo tempo, porque ele é um personagem. Enquanto tal, ele é uma paródia de nós mesmos, de quem nós fomos; de quem nós somos; de quem nós sonhamos ser; de quem nós podemos vir a ser. O personagem deriva da mesma raiz de pessoa, persona, que remete a um papel que é desempenhado, uma máscara que é assumida por nós na vida social cotidiana. Enquanto personagem, o super-herói também é um “super-homem de massa”, para utilizar aqui o termo empregado por Umberto Eco, isto é, um herói carismático, individual, que pode ser, ora mais, ora menos, moralmente carregado, típico em um tipo específico de literatura que é produzida e comercializada para uma gama de leitores: o romance de folhetim. Ele se constitui por meio de uma tensão entre os anseios dos leitores e os anseios dirigidos aos leitores.

Luri Andréas Reblin

ISBN 978-85-89754-29-3



9 788589 754293